

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA-UAHG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HELMANO DE ANDRADE RAMOS

**Da arquitetura à leitura marginal:
fundamentos cotidianos na formação da identidade apenada**

Campina Grande-PB

Julho de 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA-UAHG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

HELMANO DE ANDRADE RAMOS

**Da arquitetura à leitura marginal:
fundamentos cotidianos da formação da identidade apenada**

Monografia apresentada junto ao Curso de História, da
Unidade Acadêmica de História e Geografia, da Universidade
Federal de Campina Grande, para obtenção do título de
licenciado em História.

ORIENTADORA:

PROFa. Dra. MARINALVA VILAR DE LIMA

Campina Grande-PB

Julho de 2008

HELMANO DE ANDRADE RAMOS

**Da arquitetura à leitura marginal:
fundamentos cotidianos da formação da identidade apenada**

Aprovada em:

___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

PROFa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

ORIENTADORA

PROF. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Sousa

EXAMINADOR

PROF. Dr. Alarcon Agra do Ó

EXAMINADOR



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

Agradecer à "Raminho", com a compreensão de que nossa gratidão seja extensiva a toda a comunidade encarcerada do presídio do Serrotão, sem a qual o trabalho não teria tido fundamentos.

À Professora Marinalva Vilar que acompanhou a pesquisa desde seu nascimento, tecendo considerações relevantes ao trabalho em sua dupla feitura: descritiva e teórica.

À comunidade da Glória em que reside a maioria dos ex-detentos com quem conversamos e que contribuíram para os (re)direcionamentos que realizamos em alguns dos conteúdos que aqui veiculamos.

RESUMO

A descrição da espacialidade do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, escolha assumida, possibilitou que o trabalho demonstrasse como se articulam os anéis formados pelas relações de poder que se constroem no cotidiano dos apenados. Narrativa que se fez a partir dos relatos de apenados e de membros da direção, balizados pelas impressões que “colhemos” nas observações *in loco*, com base no método etnográfico que foi o principal suporte da investigação em tela. Considerando que o traçado arquitetônico do cárcere moderno é construído estrategicamente para imprimir coerção e disciplina aos apenados, atentou-se para as táticas que são por eles elaboradas e que estabelecem sentidos outros a espacialidade carcerária. Astúcias que aqui são pensadas como microresistências e enquanto criadoras/alimentadoras de uma rede de poder que atua no cotidiano carcerário, instituindo lugares para os indivíduos. Dinâmica balizada pelas relações que se estabelecem da direção para com os apenados; dos apenados para com a direção; e entre os próprios apenados.

PALAVRAS-CHAVES: Cárcere; Identidade; Relações de poder.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....	p.07
CAPITULO 1 - Entrada e portão principal - “estendendo estigma” e hierarquizando as identidades.....	p.18
CAPITULO 2 - Sistema seguro: 2 pavilhões e celas em núcleos para detentos funcionais mal vistos, albergados e enfermos.....	p.25
CAPITULO 3 - Direção: cabeça que articula as decisões das Penitenciárias Agrícola e Máxima.....	p.32
CAPITULO 4 - “Favela”: 7 pavilhões, 21 celas e 1 único código.....	p.42
CONCLUSÃO.....	p.57
BIBLIOGRAFIA	p.63
FONTES.....	p.64

INTRODUÇÃO

2005, existiu um "Pseudocomando", lá dentro, lá cara que os cara se reunia pra..., se o cara tivesse uma televisão, os cara entrava na tua cela tomava tua televisão lá, se abrisse a boca matava o cara, estrupos [sic] aconteceram lá dentro por conta desse comando doido que tava lá à frente do presídio. Mais hoje, hoje tá bem melhor cara, hoje tá bem melhor, porque as pessoas que tão lá, na frente da situação, né cara, são pessoas esclarecidas, pessoas sofridas, que conhecem o que é o sistema, "São irmão", viu. São pessoas ótimas..., são pessoas que precisam só de uma oportunidadezinha para saírem,...ressurgirem das cinzas, né meu filho... feito fênix, pois é, só tão precisando de uma oportunidade, não vou me aprofundar mais e dar nome a essas pessoas porque não compensa, sabe? (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

O trecho da entrevista que realizamos com Severino dos Ramos Lima, vulgo "Raminho", nos permite introduzir uma das principais discussões levada a efeito ao longo da monografia, as relações de poder no cotidiano do cárcere; mas, antes de tudo, nos possibilita apresentar ao leitor, aprioristicamente, um pouco da compreensão desse homem que vai exercer forte liderança sob os apenados do Presídio Serrotão, pelo menos a partir de 2006. Sua fala demonstra uma compreensão de comando/liderança que visa a se distinguir das atrocidades que aponta no antigo "pseudocomando", identificando nos apenados expectativas de mudança. Assim é que, através da referência a Fênix, argumenta haver em cada um deles a busca de oportunidade, visualizando-os como "irmãos", como "pessoas ótimas".

Ouvir a fala de Raminho nos coloca diante não simplesmente de apenados, mas de pessoas, subjetivadas, prenes de interesses, valores e compreensões de mundo; nos possibilita construir outras identidades para sujeitos que são costumeiramente percebidos como desviantes sociais; nos coloca diante de uma espacialidade que têm configuração e regras próprias, cujo aprendizado se faz necessário e resulta na construção de relações de saber/poder; nos retira do lugar comum de percepção do apenado como o mero "outro" das normas de conduta sociais. Onde, se justapõe ao aprendizado mais geral do apenado um outro saber: da Instituição Carcerária (pensada enquanto espaço físico e social que se constitui, também, pela articulação com seu exterior, a sociedade). O que nos remete à um dos momentos fundamentais de articulação entre mundo encarcerado e mundo externo: "o dia de visita", situação que acessamos, também, através de observação etnográfica *in loco*.

A visita se estabelece. É o dia da semana mais esperado pelos apenados. É "o dia de glória". É o dia em que podem usufruir a visita íntima, em que entra comida diferente, entra dinheiro... em que o preso vai sanar suas dívidas, fica sabendo como estão alguns parentes e pessoas com as quais ele ainda possui algum vínculo; pode ver os filhos, fazer refeições e brincar

com estes, enfim, assumir em parte outra identidade, ainda que em caráter de grande efemeridade. É, também, o dia de lidar com ilícitos e, assim, fazer o abastecimento de produtos que estiverem faltando na Penitenciária. Para isso, as articulações com os agentes de transportes (normalmente ex-detentos) e com os próprios oficiais têm que funcionar, justamente para auxiliar a entrada de produtos para alguns e a interdição para outros. Os domingos e, principalmente, as quartas-feiras são dias a que os apenados destinam toda uma atenção especial e cuidam de respeitar e fazer serem respeitadas as regras estabelecidas, propriamente, para “o dia da visita”. Nosso olhar estar atento, buscamos entender o trançado simbólico fabricado pelos artífices do/no cotidiano carcerário¹.

O período da visita (a que os apenados se referem como “o dia da glória”) se dá entre o horário de 12 às 16 horas, tanto nas quartas-feiras, quanto aos domingos, havendo a diferenciação de, às quartas-feiras serem destinadas para as visitas íntimas e, os domingos, ao acesso mais geral de visitantes, portanto, aberta a todos. “O dia de visita” merece atenção específica pelo fato de criar uma situação distinta na rotina carcerária, colocando os apenados em contato com o mundo externo. Esse articula todo um conjunto de relações no interior da Instituição, sendo estrategicamente “planejado”, por parte de sujeitos com interesses e expectativas variadas, resulta, portanto, de um conjunto de ações que colidem para o êxito do acontecimento. Nesse sentido, temos que “o dia de visita” é um momento em que são postos em práticas modelos comportamentais pré-postos, teatralizando atitudes, gestos, palavras. Situação balizada por um cem números de olhares: vigilantes, tensos, ansiosos, temerosos, decepcionados. Há expectativas várias, inclusive a principal: confirmação de visita.

É, ao que podemos observar, um momento rico para se analisar, em que todo um conjunto de relações entra em jogo para intermediar os movimentos de apenados, visitantes, direção. Circunstância em que são produzidos identidades e saberes próprios.

Adentrar no Complexo Penitenciário do Serrotão nos remete a um segundo nível de espacialidade, aquele que diz respeito à arquitetura física e simbólica que lhe dá sentido e que estabelece sentidos para os detentos que o integram. Havendo que se considerar a espacialidade do Complexo Penitenciário, em geral, e, especificamente, a arquitetura do *Presídio Regional*

¹ A primeira visita que fizemos ao Complexo Penitenciário do Serrotão, mais especificamente ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, em dia de visita, se deu em 07 de agosto de 2005.. Portanto, estávamos sob forte emoção embora já tivéssemos começado o trabalho poucos meses atrás, em caráter provisório, no Presídio do Monte Santo, Instituição Penitenciária localizada na mesma cidade (Campina Grande-PB), tendo, nesta oportunidade, dialogado com apenados sobre questões que viriam a ser norteadoras da pesquisa. Ressaltamos que, inicialmente, tínhamos como foco a análise das imagens tatuadas nos corpos dos apenados, passando a ampliar os horizontes do estudo depois da frequência com que passamos a visitar o Complexo Penitenciário do Serrotão. Registro, também, que nas muitas idas e vindas à Penitenciária sempre fomos bem recebidos, o que contribuiu para que o trabalho pudesse ta sendo desenvolvido sem maiores percalços.

Agrícola. Em face de nosso estudo se deter na leitura das relações que se desenvolvem no Presídio foi que destinamos maior atenção à sua espacialidade, ainda que consideremos as articulações que ocorrem em âmbito mais amplo.

A descrição da espacialidade da Penitenciária do Serrotão, que realizamos a seguir, objetiva permitir ao leitor, tanto àquele que já tenha visitado uma prisão, quanto aos que nunca tiveram a oportunidade de fazê-lo adentrar, ainda que a partir de nosso “olho”, na intrincada articulação que se estabelece entre a espacialidade física e simbólica que estrutura as relações no interior do cárcere.

O *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* é composto de uma entrada, com acesso exclusivo pelo portão principal, que tem em seu lado esquerdo, no sentido da entrada, o corpo da Guarda dos Agentes que fazem a “revista” dos visitantes em dia de visita e, nos demais dias, controla a entrada e saída de detentos, albergados e público em geral. À direita localiza-se o Corpo da Guarda da Polícia Militar, que funciona em sistema de plantão para agir em qualquer eventual situação. Em sentido frontal tem-se o portão que dá acesso ao sistema seguro, uma grande área arborizada onde os detentos recebem visitas, trabalham e tomam banho de sol. Em sentido da extrema esquerda para a extrema direita encontram-se as estruturas funcionais que são, perto do muro que divide o *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* da *Penitenciária Máxima*, onde existe uma passagem para agentes e, mesmo, para transferência de detentos. A primeira estrutura é a cela da caixa d’água, controlada por um detento, e um pequeno espaço vazio que serve como campo de futebol. Atrás deste têm-se, primeiro, as celas do seguro e do isolado, contendo duas celas cada um (seguro e isolado), com funcionamento em um mesmo bloco, à frente deste o Pavilhão individual 1.

À frente do pavilhão 1 está localizada a enfermaria que contém seis celas (mas geralmente os detentos ficam soltos, podendo circular no seguro), um espaço para depósito de alimentos e medicamentos e uma sala de atendimento médico e distribuição de medicamentos e receitas. De frente à enfermaria e ao lado do pavilhão 1 encontra-se o pavilhão dos albergados, em uma estrutura de galpão sem grades, contendo um compartimento onde funciona um pequeno comércio em dias de visitas e que serve para guardar os colchões dos detentos. Neste espaço, no período da manhã, funcionava a mini-marcenaria, a tarde funciona a escola e a noite serve para receber os detentos do sistema semi-aberto durante a semana, com entrada sempre às 18:30 e saída iniciada às 6:30 horas para o regime aberto, cujo retorno à Penitenciária se dá apenas nos fins de semana. À frente, ainda mais ligada estruturalmente, funcionam celas individuais, basicamente três que servem para alojar detentos que, por questões de segurança, não podem estar em convívio com os demais. No lado esquerdo destas tem-se a Igreja evangélica, sempre

aberta, exceto à noite. Nesta ocorrem reuniões às quartas-feiras e aos domingos, contando com a presença dos familiares dos apenados convertidos. Ao lado (esquerdo) desta encontram-se, em proporções maiores, as celas funcionais para detentos que trabalham a serviço da direção. Aí se encontra a cela destinada para a criação de galinhas. À frente desta existe um bloco de três celas com detentos da oficina de panificação e o barbeiro. Ao lado uma outra cela ocupada pelo chefe da musculação. Em outro bloco semelhante encontram-se celas ocupadas pelo responsável pela iluminação, através da casa de força, e por detentos do setor administrativo, etc. O que leva a pensar/perceber que todas as atividades da Penitenciária são efetuadas por detentos, exceto a vigilância. Essas celas antes eram habitadas por policiais de plantão, mas, por questões que dizem respeito à própria manutenção interna, se fez necessário a colocação de detentos nesses compartimentos, permitindo tanto sua proximidade com o trabalho, como o distanciamento da massa apenada.

No seguro, ainda se tem a chácara da Penitenciária, sob chefia de um detento que realiza o trabalho com a ajuda de mais dois detentos. Aí são cultivadas verduras, batatas-doce, macaxeira, etc; se criam galinhas e patos, tudo em baixo nível de produção. Em se tratando de uma Penitenciária Agrícola, cuja função seria a (re)socialização do apenado pelo trabalho na terra, observa-se que esse tipo de atividade é inexpressivo. Ao lado direito da chácara há uma quadra de futebol, apenas para os detentos do seguro, já próximo ao portão que divide esse espaço da favela. A quadra de esportes é pouco utilizada em virtude de que a maior parte trabalha e devido as constantes trocas de ameaças e xingamento entre os detentos, mesmo tendo a direção à frente da quadra, o que não intimida alguns deles.

A parte administrativa, sob funcionalidade apenada, de agentes e pessoas contratadas se faz composta pelo setor pessoal, onde o detento vai ser fotografado na sua entrada e em que são coletados os seus dados para averiguação, tanto de seu crime e periculosidade, como sobre sua reação ante os demais detentos e daqueles para com este. Daí a necessidade do isolamento. Ao lado desta encontra-se a sala do setor jurídico que recebe os advogados, bem como, transfere processos a estes e aos detentos. Ao fundo do corredor a recepção, à direita desta e à frente do setor jurídico, encontra-se a sala das secretárias dos diretores que mantêm um primeiro contato com as pessoas que com estes necessitam falar, sendo a mais importante e que, à época, estava sob comando dos tenentes Guilherme e Sebastião. É por ai que passam todas as decisões oficiais relacionadas, tanto a Penitenciária Agrícola, como a Máxima. Ao seu lado direito encontra-se o setor de sonoro, responsável por convocar os apenados até a direção ou transmitir informação para organizar a recepção das visitas. A sala, localizada ao lado direito desta, é responsável pelo acompanhamento psicológico e de combate aos vícios de apenados do setor seguro, sendo a sala

de Psicologia. Ao lado desta fica a cozinha com funcionamento exclusivo para diretores e funcionários, servindo, além das três refeições, café e chá aos funcionários e visitas (exceto às quartas-feiras e aos domingos).

À frente da direção funciona a cozinha dos apenados, tanto da favela, como de alguns do seguro e albergados (opcional apenas o café da manhã, já que o jantar é servido antes do retorno destes). Às 6h30 é servido pão, produzido na oficina de panificação, com manteiga e café. Após o que os detentos ficam soltos ou têm trabalho específico no seguro. Às 11h30 é servido o almoço com feijão, arroz, por vezes macarrão e verduras, caso se tenha na chácara, e carnes, vindas da COZIPE (cozinha penitenciária). Por volta das 15h30 os detentos são recolhidos aos seus pavilhões e as 19h é servido o jantar, sopa, para novo recolhimento aos pavilhões, daí a necessidade dos apenados em buscarem outras maneiras de se alimentarem até a hora da outra refeição. Questão que, no geral, é resolvida a partir do recurso à parentes ou através das compras internas que custam muito caro.

A “comida do governo” é servida através de uma grade que separa a cozinha da favela, havendo em sua extensão uma outra grade, em tamanho maior, por onde passam as visitas do seguro para a favela, esta é composta por mais sete pavilhões todos divididos em dois blocos A e B. Alguns são organizados por dois detentos, um de cada lado, outros por apenas um detento. O primeiro pavilhão, ainda próximo ao portão de segurança, é o pavilhão coletivo 1 (ou pavilhão 3 se iniciarmos a contagem considerando os pavilhões do seguro e da favela), é o chamado pavilhão especial (referência mais comum). Este se destina, em sua grande maioria, aos detentos mal vistos, aqueles que tendem mais a subir, no sentido da direção, que descer, no sentido dos apenados, tanto a partir de uma percepção arquitetônica como cultural, estão no “Purgatório”, embora haja suas exceções. Mas, prioritariamente, é onde ocorre a execução de estupradores, em suas esquinas e mini-ruas - referência aos espaços que dividem os pavilhões, já que no imaginário apenado o prédio se faz cidade, as celas casas, o pátio ruas com suas esquinas. Os pavilhões 2 e 3 são coletivos, ou seja, possuem vários detentos em uma mesma cela, geralmente pessoas conhecidas ou parentes em número variado, dividindo o mesmo espaço, por vezes pertences e até alimentação. O pavilhão 4 se constitui na “Mística dos assaltantes”.

Há um tipo de hierarquização entre os detentos que se orienta pela localização destes nos espaços da Penitenciária. Donde se aplica a lógica que vai dos pavilhões individuais até chegar ao último pavilhão, o de número 7. A cela de cada detento, também, passa por esse tipo de hierarquização já que, principalmente, no caso das celas individuais elas têm um custo financeiro para o detento que a ocupa a partir da compra ou aluguel, especulado por um detento mais antigo, constitui-se na principal posse do detento. Assim a cela 10, assume grande importância,

tanto em sentido arquitetônico como cultural, localiza-se junto ao campo de futebol, no interior do pavilhão 7, onde, principalmente pelas manhãs, tem bate-bola e são discutidos os principais assuntos referentes aos detentos, de forma mais geral. Resta ainda destacar os muros, que na parte superior ao campo são dois, e que entre esses se realiza criação de ovelhas e cultivo de pasto para alimentação destas, atividade desenvolvida por detentos em benefício da direção. Acima desses muros localizam-se guaritas que contêm, ou não, agentes de vigilância e arames farpados, além de fios de alta tensão que objetivam evitar fugas por cima destes.

Sob função tripla: produtiva, simbólica e de adestramento é que as Instituições Carcerárias, na modernidade, vão ser balizadas idealmente, entretanto, vai se observar que, na prática, a função produtiva não atinge a expressividade das outras duas, que articuladas possibilitam o “funcionamento” do sistema. A isso, atente-se para o fato de que esse “pseudofuncionamento” se efetiva a partir de articulações outras, mais importantes que o saber/poder disciplinador e normativo, que são estabelecidas com base em condições externas às estratégias institucionais, por meio de dispositivos táticos que transformam as relações de poder em uma complexa rede movida por interesses que fogem ao controle do sistema normativo oficial.

Em 1810 é instituído o código penal, em 1838 são reformados os sistemas prisionais sob uma organização que pretende funcionar adestrando e controlando pela sujeição do corpo e da mente. A técnica penitenciária (de funções acumulativas) se aprende, se transmite e se prolifera. Parafraseando Foucault (2008), o séc. XIX torna legítimo o poder das Instituições em punir e disciplinar através de um método “racional” e homogeneizador, aplica-se a “Arte de Punir” (Foucault, 2008).

Assim, a história do procedimento penal tem como aspecto demarcador a gênese de um saber sobre a anomalia, a insurreição dos saberes “dominados”, bem como, a crítica efetiva ao Manicômio e a Prisão que as organizações funcionais tentam mascarar.

Com base no que nos diz Foucault (1979:171) sobre essa questão temos que, o processo de luta e utilização do saber nas táticas “anti-ciência” insurge-se não tanto contra os conteúdos, métodos e conceitos, mas contra tudo que obscurece os efeitos do poder através de um discurso “científico organizado”. A genealogia liberta da sujeição os saberes históricos, tornando-os instrumentos contra as coerções de um discurso científico e suas hierarquizações, que faz emergir seus efeitos de poder, a genealogia é tática a partir da discursividade local que ativa os saberes que são exercidos em sua forma prática, burlando a forma estratégica diária, e por entre essas, produzindo formas que viabilizem a sobrevivência e possam trazer melhorias para as condições de estadia e manutenção do apenado.

O discurso oficial, respaldado na cientificidade moderna, pretende se instituir neutralizando a oposição do dominado, utilizando-se de técnicas próprias ao interior institucional, através de uma "mecânica capilar do poder", que controla corpos, gestos, atitudes, vozes, em um regime "sinóptico de poder" (FOUCAULT, 1979:131); de exercícios plurais e microscópicos, garantindo a manutenção e reprodução da relação de força, essencialmente repressiva. Portanto, em sintonia com o que afirma (FOUCAULT, 1979:176), se torna mais viável pensar a Instituição Penitenciária evitando os romantismos das concessões e evidenciando os combates efetuados em seu interior, já que "poder é guerra".

A pesquisa que desenvolvemos seguiu, portanto, um movimento narrativo determinado, visando a reinscrever esta relação de forças nas Instituições Penitenciárias e a política de "sansão-punição", produzida no interior das relações entre apenados, que atua como prática reprodutora do desequilíbrio em nível interno. Assim, ousamos nos colocar como o "olho" e o "ouvido" dos combates cotidianos que se dão no interior do sistema carcerário do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, cômicos de que "sempre se escreve a história da guerra mesmo quando se escreve a história da paz e das Instituições" (FOUCAULT, 1979:176), focalizando a inevitável reivindicação do corpo social (os apenados) contra o poder institucional e os modernos métodos (asépsia) de controle, disciplina e homogeneização comportamental (FOUCAULT, 1979:145).

A Instituição Penitenciária é por nós pensada como espacialidade que se move pelos combates que se dão através dos confrontos e tensões, ocultados por um discurso estrategicamente eficaz e com efeito político, necessário a sua manutenção, buscando assim decifrar metáforas e estratégias e saber os pontos em que os discursos se transformam em relações de dominação.

Portanto, nossa intenção foi fazer uma história dos espaços, que seria, ao mesmo tempo, aquela que diz respeito à ação do poder institucional sobre estes, estudando desde as estratégias geopolíticas até as táticas do habitar na arquitetura institucional, que passasse pela percepção da implementação econômico-político no sistema e fizesse emergir as várias identidades apenadas que dão "liga" às relações no interior do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*.

Mas, que em instância prática se configura numa maquinaria que impede a identificação do titular do poder, sujeitos e lugares estão em constante mudança, então a questão do poder não pode ser colocada exclusivamente em termos institucionais. O poder é mais complicado, denso e difuso, permite hierarquias, enquadramentos, inspeções, condicionamentos e adestramentos, em uma rede piramidal, onde o ápice não exerce exclusivamente o poder, que está distribuído por toda a pirâmide, inclusive em sua camada inferior, que se faz "produzida" no interior dos

compartimentos analisados, no caso específico em análise: as espacialidades física e simbólica que dão contorno ao cotidiano apenas no interior do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*.

O trabalho analisa como cada setor que compõe a arquitetura penitenciária moderna influencia diretamente na vida dos detentos, individual e coletivamente. Para tanto foi realizada uma série de visitas e de entrevistas com os apenados do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, localizado na cidade de Campina Grande-Pb, espaço central de desenvolvimento da pesquisa, objetivando a distinção de cada compartimento em sua forma arquitetônica e simbólica, bem como, o estabelecimento de diálogos com detentos e ex-detentos, visando recolher informações que nos permitissem aproximar suas vidas de cada recinto analisado. Mostrando com isso algumas das várias formas de articulações internas e seus significados para a manutenção do detento cotidianamente.

Articulações diárias que se dão em níveis individual e de grupo, percebidas através da pesquisa de campo em que pudemos observar a realização de atividades, tais como, a prática de futebol; a ingestão de bebidas e drogas; a alimentação; o estudo; a utilização e limpeza dos pavilhões coletivos e individuais; ou a partir das práticas "não tão constantes", em termos de decisões coletivas, como aquelas que se dão nos momentos de rebeliões reivindicatórias ou por disputas internas de facções, e decisões particulares (caso de pessoas condenadas à morte), além de algumas infrações do "Estatuto ético moral"² dos detentos, em que pese algumas punições aplicadas pela violência e força. Experiências próprias vividas pelos apenados cotidianamente e que assumem diversas significações no cárcere, servindo de balizadoras das atitudes aceitas e não aceitas no universo da comunidade carcerária.

Compreendemos, com base na análise do material que recolhemos no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, que as infrações ao "Estatuto ético moral" dos detentos propiciam punições variadas, não obstante isso, são constantemente baseadas na violência, a partir do uso de materiais como pedaços de paus, conhecidos como "barrotes"; cordas, tecidos e ferros, sob denominação de "bois"; em associação a isso, ou mesmo independentemente, ocorrem sessões de espancamentos, sendo os ferimentos tratados no interior do pavilhão e das celas do indivíduo

² Quando nos referimos ao "Estatuto ético moral" dos detentos estamos considerando aqui as normas que se institucionalizaram no universo das relações cotidianas do apenado e que ele deve levar em consideração antes de qualquer atitude que venha a cometer. Esse código "invisível" aparece com constância nas falas dos entrevistados. Ao que podemos depreender das entrevistas trata-se de um código culturalmente estabelecido visando estabelecer um Regimento que desde 2005 se mantém em vigor no Presídio do Serrotão, dando as diretrizes do que o detento não deve fazer para não ser "cobrado" ante seus companheiros e que, em última instância, regem pela integridade das visitas, limpeza, disciplina e comércio, tendo por elemento coordenador um único comando. Constando como "orientações" básicas: 1- não pode "caguetar" (vê, ouvi e calar); 2- não pode olhar visita de ninguém; 3- 17hs (dezessete) limpeza dos pavilhões; 4- 10hs lei do silêncio; 5- todo mundo pode ter comércio, emprestar a juro e alugar; 6- quem deve pagar ou faz acordo; 7- não pode roubar nas celas (ratos de cadeia); 8- estuprador, "tarado" morre; 9- mortes só falando com o comando; 10- não descumprir o estatuto que acaba por impor regras onde existiam desmandos, ajudando-os a manterem-se distantes da imposição da direção.

agredido, que ficam sob vigilância de um outro detento até a recuperação, com o intuito de evitar que aquele venha a cometer “outro crime”, considerada infração pior, a “caguetagem” do ocorrido à direção. É possível que na seqüência o indivíduo punido venha a sofrer expulsão da cela e do pavilhão e, em casos extremos, a execução sumária, o que se dá sob aval de alguns.

De forma que, diariamente no interior do sistema penitenciário, se aplicam “regimentos” estabelecidos por códigos que deixam claro uma hierarquização social em seu interior, ou pelo menos, a assinalação de alguns indivíduos. Uma "Individualização" que passa a servir de localização para cada sujeito que compõe a comunidade carcerária, onde o privilégio de alguns se satisfaz na mitigação dos direitos de muitos. Aspecto que funciona fazendo com que tudo gire em torno e a partir de interesses de uma “elite” conhecida como os "Comandos-chefe" das penitenciárias" ou "Faxina"³, que fazem com que algumas regras e códigos, culturalmente estabelecidos, sejam cumpridos e que um aparente clima de tranqüilidade seja mantido, no sentido dos presos para com a direção e da direção para com a sociedade, mas que, em instância prática, se configura num jogo/conflito de forças, interesses e estratégias, bem como, de táticas desenvolvidas entre as partes interessadas ("Comandos-chefe"/apenados/"Comandos-chefe"; "Comandos-chefe"/direção/"Comandos-chefe"; Direção/sociedade/Direção) .

Portanto, interessa-nos perceber que no interior do cárcere a vida de cada detento depende, principalmente, dos “olhares” que sobre ele são lançados ou, mais propriamente, de como este constrói sua “identidade apenada” que vai servir-lhe para distribuir-se, classificatoriamente, entre detentos bem vistos e mal vistos, organizando o sistema espacial e simbólico. Ele precisa tomar consciência de sua condição de “preso”, afastando-se de exigências e ligações afetivas que tinha na sua antiga vida (fora do sistema carcerário), conforme colocado na narrativa de “Raminho”:

O que o preso deve pôr na cabeça dele é que certas coisas que eram válidas pra ele aqui fora, lá dentro já não vale nada, tem que aprender a viver sem certas coisas, ele tem que aprender a viver sem uma comida bacana; ele tem que aprender a viver sem uma palavra de amor, de carinho, todos os dias no pé do ouvido; ele tem que aprender a viver sem filhos, sem mulher; ele tem que ter consciência cara de que ele é um preso, de que ele é um preso e com o passar dos anos o cara vai perdendo o vínculo com a família e com os amigos e ele acaba adquirindo uma personalidade que ele nunca sonhou ter, ele nunca sonhou ser aquilo, o cara pode até desenvolver os instintos mais baixos que um ser humano pode ter, sabe cara, pode até acontecer isso (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos de Lima, “Raminho”, 2007).

³ Denominação que, talvez, tenha surgido pela ligação com a organização e limpeza diária dos pavilhões às 17h, mas, principalmente pelo comando deste espaço, de celas e entre apenados, fazendo com que sejam praticados os códigos éticos culturais entre os detentos, cujo descumprimento deriva em sessões de espancamentos, “bois”, expulsão de celas e pavilhões, até assassinatos (limpeza), comparando pessoas “não gratas a lixo”.

Portanto, é um outro sistema que precisa ser apreendido, conforme destacou anteriormente “Raminho”. Compreensão que, como podemos observar no conjunto das entrevistas e conversas informais que tivemos com outros apenados, encontra-se bastante disseminada no interior do Presídio.

A monografia, também, estabelece uma interlocução com as obras de Erving Goffman “*Manicômios, Conventos e Presídios*” (1996) e de Terence Morris “*Desvio e Controle: A heresia secular*” (1978), no tocante às análises que desenvolvem sobre o cotidiano apenado e as formas diárias com que aqueles lidam com o sistema carcerário, bem como, os procedimentos do sistema e a arquitetura total; de Clifford Geertz “O saber local” (2001), em que procura demonstrar a necessidade do pesquisador tomar o estudo a que se lança em sua condição de particularidade, buscando construir leituras do acontecimento narrado a partir da rede de sentidos antropológicos que lhes dá eixo. Uma leitura que torna o método etnográfico imprescindível na compreensão dos sistemas culturais que se pretende descrever, visto ser esse o caminho para a formação de um saber próprio, “saber local”; de Michel de Certeau “A invenção do cotidiano: artes de fazer” (2000; 2002), no diz respeito a compreensão veiculada sobre o jogo entre as estratégias e táticas que se dão no cotidiano social e a forma como os pesquisadores ligados aos ciclos de debates se utilizaram do caminho teórico-metodológico para estabelecerem suas análises; de Michel Foucault “Vigiar e punir” (2008) e “Microfísica do Poder” (1979), que nortearam nossas análises sobre as teias capilares que orientam as relações de poder e o complexo aparato disciplinatório que normatiza o sistema carcerário. Da articulação entre as perspectivas analíticas de Foucault e Certeau resultaram algumas análises que estabelecemos das vivências dos apenados no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*. Espaço em que as relações de poder ao estilo foucaultino vêm à tona, não só a partir da elaboração de um poder específico mas de sua utilização para fins específicos e a partir de práticas que visam a burlar a racionalidade estratégica na “Sociedade das prisões” (Foucault, 2008:110.).

Procuramos construir uma leitura do sistema carcerário estabelecido no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* que se guiou pela influência da Antropologia sociocultural sob método etnográfico, visto que esse caminho nos permitiu, por um lado, acessar discursos apenados e institucionais peneiras de sensibilidades ordinárias e de narrativas de práticas cotidianas; e, por outro, experienciar, nas visitas feitas, vivências que se impunham a nossa visão, a exemplo do traçado arquitetônico físico e simbólico que orienta a vida na Instituição Carcerária.

Vale ressaltar que, em se tratando da distribuição arquitetônica do complexo penitenciário do Serrotão, este é constituído por três penitenciárias distintas: o *Presídio Regional Agrícola*, que atualmente comporta cerca de 1.200 presos, de que trataremos especificamente nesse estudo individualmente e a partir das redes de articulações que se estabelecem com a *Penitenciária Máxima*; a *Penitenciária Máxima* que segue modelo padrão⁴ e foi inaugurada recentemente, que tem, atualmente, 120 detentos e ainda está em processo transitório para o estabelecimento de uma direção definitiva, estando ainda vinculada ao *Presídio Regional Agrícola*; e a *Penitenciária feminina*, em que se encontram aproximadamente 300 detentas, não relacionada na presente análise por possuir sistema funcional diferenciado e exigir estudo particular, ainda que sofra ressonância dos emblemas mais amplos do sistema carcerário.

Considerando o que foi exposto até aqui, temos que os capítulos ficaram organizados de forma a possibilitar o aprofundamento das análises sobre o sistema carcerário estabelecido no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, sendo estabelecida uma lógica que articula espacialidade, classificações identitárias e relações de poder.



⁴ A penitenciária máxima de sistema padrão é assim definida por sua estrutura arquitetônica compacta, basicamente nas extremidades da quadra de futebol, sendo dois andares de celas, e por sobre estas corredores e guaritas em um sistema que se parece mais com o panóptico clássico, além disso, seu terreno é todo concretado, por sobre placas de aço, o que dificulta em muito as fugas. Assim é uma penitenciária que facilita a vigilância pelo espaço e pela estrutura concretada.

CAPITULO 1

ENTRADA E PORTÃO PRINCIPAL:

“ESTENDENDO ESTIGMA” E HIERARQUIZANDO AS IDENTIDADES

Instituição total é um local de residência e de trabalho de indivíduos em situação semelhante, qual seja, encontram-se separados do contato social mais amplo por um período de tempo, levando uma vida fechada e formalmente administrada. Nessa, ocorrem atividades determinadas e coletivas. Uma Instituição fechada com plano arquitetônico (grades, barreiras e muralhas) a impedir o contato físico com o meio social.

Há distintos modelos de Instituições com essa característica, Erving Goffman (1996) atribui esse perfil a cinco tipos específicos de espaços: os asilos, que se destinam ao cuidado de pessoas incapazes e inofensivas (os idosos); os hospícios, que objetivam cuidar de pessoas incapazes (psiquicamente) de cuidar de si mesmos (os loucos); os conventos/seminários, que servem de refúgio e em que se pode viver uma vida dedicada à espiritualidade (religiosos católicos, como freiras, seminaristas, etc); os quartéis, que têm no treinamento militar seu eixo central; as prisões, que “abrigam” os desviantes, que transgridem as normas e códigos sociais, praticando periculosidades intencionalmente (assassinos, estupradores, criminosos, em geral).

Nas penitenciárias aqui focalizadas, e mais pontualmente o *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, verificam-se três tipos de espaços: um que se situa “fora dos muros” da “Favela, no caso da enfermaria e direção; um que está sob constante vigilância no caso do sistema seguro, que é a maior parte dos espaços; e finalmente aquele que não pode ser controlado pelas autoridades, que se situa no interior dos pavilhões e celas “locais livres”, onde se permite o aparecimento das “leis internas⁵”, em um ambiente para a prática de atividades oficialmente proibidas num espaço onde para Goffman “A pessoa pode ser ela mesma” (GOFFMAN, 1996:191).

As Instituições totais não procuram uma vitória cultural do indivíduo em sua (re) socialização, mas buscam, através de uma tensão entre o mundo social e interno, uma forma de controle a partir da mitigação das penas (Foucault, 2008:87), que desde o princípio mostram seu caráter “moribundo” em sua tentativa de disciplinar um mundo próprio e construir um tipo

⁵ Aqui chamamos a atenção para as colocações de Goffman sobre o que considera as “leis internas” nos sistemas carcerários, nesse sentido é possível citar, por exemplo, a necessidade de se manter o respeito aos espaços de cada um (apenado) na visita íntima; o silêncio a partir das 10hs, bem como, práticas permissivas que vão sendo adotadas no interior das celas, sejam essas individuais ou coletivas. Acerca de que estabelecemos uma série de aproximações no estudo aqui apresentado.

determinado de sujeito, por meio de teorias deterministas, cujos resultados são as “Penitenciárias Modernas”.

As tecnologias empregadas para a construção das “Penitenciárias Modernas” levaram em conta os modelos de Instituições que já existiam “são os hospitais existentes que devem se pronunciar sobre os méritos ou defeitos do novo hospital (igual cadeia), suas descrições funcionais e mitos” (FOUCAULT, 1979:97). Inspiradas no modelo marítimo e militar, sob premissa de uma vigilância constante e tendo a disciplina como técnica de exercício de poder, em uma nova maneira de gerir os homens, “gestão disciplinar do corpo” (FOUCAULT, 1979:106). Sob estrutura arquitetônica orientada para a vigilância perpétua e constante, inspiradas na escola militar de Paris de 1751, nos dormitórios com visibilidade isolante, tirando daí o padrão generalizado das prisões, auxiliado pelo registro do saber, se constituindo um mecanismo não mais destinado a resolver um problema em específico, mas todos aqueles ligados à vigilância, amplamente praticado no século XIX “as ciências do homem nasceram a partir do momento em que foram aperfeiçoados os procedimentos de vigilância e de registro dos indivíduos” (FOUCAULT, 1979:162), tornam-se funcionais, “totais”, não só pela forma de poder exercida mas, pelos saberes que as orienta.

Assim, é necessário se verificar a formação dos discursos, a genealogia do saber e sua organização pelo poder contraditório que vigia ao mesmo tempo os prisioneiros e agentes subalternos. Além de ter que se considerar os fatores econômicos, que articulam as relações interna e externamente ao sistema. Dessa forma, a descrição de instituições, a arquitetura da “cidade carcerária” (FOUCAULT, 1979:159), seu modelo implícito de poder, sob a disseminação de micro-poderes em aparelhos dispersos sem foco, nem centro. Instituição Penitenciária: “uma invenção tecnológica na ordem do poder” (FOUCAULT, 1979:72) que foi concebida com base na técnica de poder disciplinar e que se rege pela intervenção em sua pretensa autonomia funcional, tendo modificados sua arquitetura física – pela simbólica, culturalmente (re)estabelecida - e seu funcionamento estratégico - por vias e táticas -, privilegiando aspectos culturais e sociais.

Essa disciplina age sobre três características básicas e inter-relacionadas: organização do espaço, distribuição em espaços individualizados e sentido classificatório, segundo objetivos específicos, sendo capaz de desempenhar funções diferentes através do controle do tempo sujeição do corpo para desenvolver (processo) os efeitos com rapidez e eficácia, aliada a uma vigilância que precisa ser vista e reconhecida pelos indivíduos a ela expostos e as séries de registros que desta derivam, além da adaptação institucional/local, extraindo saber da prática pelo aprimoramento e exercício.

Assim o modelo prisional, em nível ideal, adota as estruturas da fábrica, tendo como efeito último a constituição de uma identidade, já que o indivíduo é objeto e produto de uma relação de poder múltiplo em movimentos de desejos, forças e conflitos, mas principalmente frustrações.

A ineficiência do sistema prisional em França e Inglaterra é já apontada por Foucault que coloca: "tornou-se escandaloso o fato de as prisões serem o que são: uma escola do vício e do crime; e lugares que tão desprovidos de higiene causam a morte" (FOUCAULT, 1979:216). Na continuação a análise que estabelece atenta para o fato de que no cárcere o corpo se destrói e se desgasta e que "o poder, exercendo-se por transparências de dominação, por iluminação" (Foucault, 1979: 217) não se mantém em um "lugar" de legitimidade discursiva construída através da voz oficial, estratégica, visto ser débil e disseminar-se via subversão elaborada no cotidiano prisional.

Portanto, para Foucault, internamente a Instituição prisional é um mundo infernal onde todos olham e são olhados "é uma maquinaria que circunscreve todo mundo, tanto aqueles que exercem o poder, quanto aqueles sobre os quais o poder se exerce" (FOUCAULT, 1979: 219), onde a participação do indivíduo, no interior da entidade, exigirá primeiramente controle sobre a vigilância; depois se fazem necessárias algumas atividades "obrigatórias", é uma imposição por meio do compromisso e da adesão, aos detentos, estipulando uma espécie de contrato entre as partes (Instituição-Apenado), constituindo-se uma "organização formal instrumental" que se fabrica no exercício do funcionamento do sistema.

Sob uma racionalidade que acentua a criminalidade, porque junta num único sistema discurso e arquitetura coercitivos, edificando a delinqüência; que desde o Séc. XIX se tem como verdadeiro e eficiente, mas, na prática não suprime as infrações, apenas as distingue, daí o fracasso, dessa utopia, dimensionada em critérios políticos de ilegalidades enquadradas a partir de leis universais que discordam da própria justiça. Fazendo deste método não só um fracasso, como organizador da delinqüência, donde no dizer de Foucault "Espalha Delinqüentes" (FOUCAULT, 2008:235).

Reformas são projetadas, mesmo nos países mais desenvolvidos, a base de abusos, corrupção, medo, extorsão e exploração nos "Quartéis do Crime" (FOUCAULT, 2008:236), onde o ócio, a vadiagem, a falta de educação, de estratégias econômica e organizacional impedem a transformação do comportamento do indivíduo, desde sua entrada. Situação assim compreendida por "Raminho":

a própria companheira do preso aqui fora pra que ela possa levar algo pro cara, pelo contrário é marginalizada também como mulher de preso, né velho e o sistema carcerário

hoje é isso..., é uma coisa esquisita, eu sempre penso que o sistema carcerário é o seguinte é... a miséria de muitos pra beneficiar poucos (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

Assim, temos que o fato de se encontrar em uma prisão, por si só, já inviabiliza aquilo para que o sistema foi criado: a recuperação e o conseqüente retorno para a sociedade. Portanto, a fala de "Raminho" vem a confirmar aspectos do sistema carcerário, observados por Foucault (2008) na análise que desenvolve sobre as prisões francesas, no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* na contemporaneidade.

A entrada é a parte arquitetônica a que o detento tem menos contato, exceto se este for da confiança da direção e participe da entrega dos mantimentos aos detidos. Detento a que a família não pode ficar para a visita em dia de abastecimento dos comércios, no entanto é nesse compartimento que pode ocorrer certos tipos de humilhações, da parte dos presos e das agentes em relação às visitas. Ocorrem constrangimentos, principalmente, para as mulheres que são submetidas à vistoria íntima e humilhadas pelo fato de serem mulheres de detentos, sendo tratadas como cúmplices, tratamento estendido aos filhos e aos demais parentes. Aqui é preciso considerar que as humilhações se agravam em se tratando de detento de baixa condição econômica, fora e dentro do presídio (estigma familiar). Neste setor é onde, também, ocorre a revista das comidas e dos produtos levados pelos visitantes para os detentos, que tende a ser realizada de forma rígida, para evitar a entrada de produtos/alimentos de fácil fermentação - o que possibilita a fabricação de uma bebida artesanal chamada "Carraspana" - é o caso dos desodorantes que contêm álcool. Há controle ostensivo para evitar a entrada de armas ou objetos que possam ser usados como tais, bem como, de roupas pretas e de dinheiro, não podendo este último superar a quantia de 20R\$. Vejamos o que diz Severino dos Ramos sobre esta espacialidade:

Na entrada do presídio, tem o portão, tem que ter é lógico, do lado esquerdo tem o corpo da guarda onde dormem os agentes, do outro lado tem também outro corpo da guarda, do lado direito, onde dorme o pessoal da PM, tem o primeiro portão, tem o segundo portão, no segundo portão tem uma guarita, guaritazinha no segundo portão, mas em relação as visitas que acontecem nesse corpo da guarda que as mulheres até passam por isso em dias de visitas também cara, visitas podem ser constrangida, as vezes com um garfo os cara partem um sabão e vão lá revirar tua comida lá (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

Embora seja um lugar onde os estigmas se estendem aos familiares e pessoas próximas do apenado de fato é nesse espaço por onde se inicia o processo de hierarquização no interior do cárcere, primeiramente as pessoas formam duas colunas divididas por sexo para entrada, chama-se de 4 em 4 mulheres e de 6 em 6 homens, tanto porque as mulheres demoram mais, como na

maioria das vezes, são elas que transportam verdadeiras malas para o interior do presídio ou conduzem objetos no próprio corpo, apostando nos “vacilos” das revistas. Ocorre que nem sempre são revistas devidamente e acabam por abastecer determinados pontos no interior da Penitenciária, em detrimento de outros. Aqueles que não conseguem se abastecer por essa via terão que se sujeitar à compra à vista, ou por cada visita com acréscimos de juros. Essa é uma das possibilidades de apenados se beneficiarem da geração de uma renda própria que implica, também, na formatação de identidades individuais internas, respaldadas na relação com o mundo externo. Assim, determinados indivíduos chegam a controlar, tanto a circulação de produtos internamente, como, muitas vezes, pavilhões. Pelos códigos culturais internos, a entrada é vista como uma ponte entre parentes e produtos externos; o interior institucional e os agentes de transporte (por vezes ex-detentos e detentos), fato que leva a que determinados detentos fiquem, por um lado, abastecidos daquilo de necessitam – e mais do que isso – e, por outro, identificados/distinguidos diante dos demais. A entrada, mas, principalmente, laços de parentescos são fundamentais para a vida dos apenados no interior do cárcere.

Seguindo-se em movimento direcionado ao interior da Penitenciária, ao final do corpo da revista, encontra-se o portão principal que dá acesso ao interior penitenciário, isso deixa claro que é através desse local que os mais diversos lícitos ou ilícitos penetram e chegam ao contato dos apenados. É de fato a partir desse momento que se iniciam as hierarquizações em relação às pessoas que merecem ou não uma revista mais detalhada e, na maioria das vezes, a relação pessoal própria entre visitas, apenados e agentes. Esses contatos formam uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder que independe daqueles que o exercem institucionalmente. Assim, o poder é exercido entre os oficiais e sobre estes, entre oficiais e detentos, entre detentos e sobre estes, em três níveis que se “concubinam” por identidades semelhantes “meu destino, diz o mestre do panóptico está ligado ao deles (ao dos detentos) por todos os laços que pude inventar” (FOUCAULT, 2008:169), justamente por isso alguns detentos vão estar abastecidos e abastecendo os demais com determinados produtos que serão negociados gerando renda ao apenado pelo aluguel, venda ou “empréstimos” e trocas de objetos lícitos ou não.

De forma que, os mais diversos objetos podem ser encontrados desde que se tenha algum recurso financeiro, resultado, também, da articulação entre os apenados e agentes, “1940 concubinação entre a polícia e a delinquência e os benefícios dessas fabricações” (FOUCAULT, 1979:161), o elevado preço no interior dos presídios, faz com que os apenados tanto dependam das visitas, como busquem métodos alternativos, ou seja, elaborando artesanalmente “substituições” (FOUCAULT, 2008:173) mais viáveis.

Portanto, de acordo com o que argumenta Foucault (1979) estamos diante de uma prática que se exerce como maquinaria e se dissemina por relações múltiplas, aliada a multiplicidade de formas de resistência, guerra ou, pelo menos, luta de forças em um campo estratégico (genealogia do poder), exercido de formas díspares, heterogêneas, uma prática institucional constituída historicamente a partir de poderes reguladores que se fazem destruídos por técnica infinitesimais de poder-saber. Micro-poderes que possuem tecnologia própria e histórias específicas, que se relacionam com o nível mais geral do poder, assim não são localizáveis, exceto por uma rede de dispositivos sem limites.

De forma que, ao passo em que se difunde o encarceramento, crescem sua produção e rentabilidade, crescem os efeitos do múltiplo utilizável que as disciplinas definem como “tática”, formando um saber que auxilia no crescimento do sistema carcerário. Donde resulta que, a base que visa a estabelecer a disciplina, organizada para neutralizar os efeitos do contra-poder fabrica seu inverso e lucra com essa inversão. Portanto, na medida em que se articulam resistências ao sistema disciplinar, por dentro, invertendo a função da disciplina, tem-se um outro tipo de êxito: “as disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis” (FOUCAULT, 2008:174).

No sentido que a maioria das sanções relacionadas às Penitenciárias se formam através de uma cadeia de privilégios que em contrapartida privam outros indivíduos, é um sistema típico que só funciona a base de “extorsões” físicas e materiais. Forma-se uma micro-economia de privilégios e castigos, quem castiga é castigado, surgindo às diferenciações individuais por meio desse tipo de regra fundamental: a hierarquização do espaço interno. Ainda um exame permite classificar e qualificar os tipos dos detentos dentro da hierarquia interna, sendo, muitas vezes, representados por sinais, por suas intimidades e intimidações diárias que multiplicam tanto as disciplinas, como os mecanismos de (des)institucionalização onde “as disciplinas mosaicas e compactas se decompõem em processos flexíveis de controle que se pode transferir e adaptar, através de margens de controle, os efeitos falhos do poder” (FOUCAULT, 2008:241).

No ponto em que se faz a torção do poder codificado de punir (FOUCAULT, 1979:184), (re)qualificando o sujeito, a partir do treinamento útil do criminoso no aspecto em que o direito se inverte pelo conteúdo efetivo e institucionalizado “é a trama infinitamente c(s)errada dos processos Panópticos de “espertezas à-toa” (FOUCAULT, 1979:184) para desequilibrar os mecanismos de poder. Constituindo-se num infradireito ou contradireito pela desigualdade de posições em relação aos regulamentos que ainda os permite falseá-los “por regular e institucional que seja a disciplina em seu mecanismo é um contradireito” (FOUCAULT, 2008:132).

Nesse sentido, e estabelecendo um diálogo com os entrevistados, o que pode ser questionado, num primeiro momento, é como os mais diversos tipos de objetos chegam ao poder dos detentos para serem comercializados? Uma trilha é estabelecida, por exemplo, na descrição que Severino dos Ramos faz do “dia de visita”, então vejamos:

Quanto ao dia visita meu irmão é um dia de benção, entrou comida, uma comida diferente, tem o dinheirinho, apareceu, o cara vai pagar as dívidas dele, ele teve contato com o mundo exterior através daquela visitas (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

De fato o dia de visita como “benção” torna-se fato pratico para muitos pelo contato com familiares parentes e amigos, um almoço e algumas horas de conversas, que da mesma forma ambígua com que passa como uma fração de segundo para o apenado e dura de forma “quase interminável” ao vistantes, os finais desses dias podem decretar punições as pessoas que assumem os compromissos a serem pagos nesses dias, apenas quando da evasão dos visitantes e recolhimento aos pavilhões iniciam-se os chamados por lista de devedores e efetivação dos compromissos, o descumprimento e as penalidades, aliado ao medo da convivência, faz com que muitos subam aos sistema seguro e a direção, que pode ou não acolher tal pedido.

Esse espaço dividido dos demais detentos, se constitui em uma grande área de funcionalidade, sendo justamente destinada a esse tipo de detentos, albergado e mal visto ante os demais. Cujos os primeiros são responsáveis por praticamente “tudo” em termos de trabalho, já que é muito pouco, se trata do controle de celas funcionais como a caixa d’água, enfermaria, chácara, musculação, barbearia, oficina de panificação, auxiliares administrativos. O segundo são divididos em detentos que têm comparecimento diário são do sistema semi aberto e outros com comparecimento apenas em finais de semana são os do sistema aberto. O terceiro trata-se detentos que foram expulsos da convivência com os demais, ou que nem chegam a manter tal convívio, já que a direção também situada nesta parte da penitenciária tem a noção da relação do detento com os demais pelo período de “reconhecimento”, também situada nesta parte da cadeia e tratada melhor a seguir



CAPITULO 2
SISTEMA SEGURO:
DOIS PAVILHÕES E CELAS EM NÚCLEOS, PARA DETENTOS FUNCIONAIS MAL
VISTOS, ALBERGADOS E ENFERMOS

Subindo para a parte interna do presídio, no sentido que as visitas fazem, encontra-se um outro portão que divide a entrada do primeiro compartimento que é a parte segura da Penitenciária. Esse espaço não consiste especificamente em pavilhões ou celas, mas, de uma área arborizada, localizada na parte superior do presídio "um mini-presídio", região em que se encontra algo que lembra uma Penitenciária Agrícola (a chácara e os criadouros). Espacialidade em que convivem os detentos banidos do convívio com a massa, sendo estes, na maioria dos casos, indivíduos ameaçados de morte ou, mesmo, que têm um papel funcional no presídio. Presos mal vistos pela maioria dos apenados e, principalmente, pelos "comandos" (conhecidos por suas ligações com o crime, por pertencerem a facções rivais e/ou terem cometido infrações aos códigos internos) que sendo excluídos do convívio com a maioria, que habita áreas de massa como a "Favela" (de que tratamos mais adiante, por considerarmos ser a parte mais importante no que diz respeito as identidades mais vinculadas ao crime, abrigando-as).

Todo esse pessoal passa a conviver na cadeia na parte segura, por não mais poderem manter o contato com "credores" e inimigos, como nos casos de ladrões de celas "ratos de cadeia", que justamente por sofrerem constantes ameaças são apartados desse convívio; outras vezes por terem adquirido regalias internas, atreladas à dedicação a alguma atividade no regime seguro, que tanto gera alguma renda (50R\$ mensais), como dá direito a remissão das penas (pagamento de 1 dia da pena por 3 trabalhados). Tendo em vista que o convívio nas áreas de massa impede a produção ou realização de algum tipo de trabalho, menos pelo fato do apenado ser mal visto perante os demais e mais pela falta de projetos internos, já que na(s) favela(s), também existe estruturação de trabalho e mesmo de disciplinas próprias, a parte segura acaba por ser um lugar que viabiliza ao apenado possibilidades de "fazer com o sistema", articulando formas outras de vivenciar o cotidiano carcerário.

Dessa forma, o trabalho penal pode ser pensado como sendo um tipo de trabalho que tem a particularidade de não servir para nada, visto que, a intolerância, o ilegalismo e as irregularidades permeiam todo o sistema que lhe dá sustentação - do âmbito judiciário ao penal - ganhando contornos de desmandos que desenvolvem técnicas de torturas dos corpos, "o surgimento das penitenciárias traz consigo a penetração da violência diária e de diversas formas punitivas" (FOUCAULT, 1979:173), apesar de nas Penitenciárias todas as funções serem

efetuadas por apenados, pessoas que já chegam com algum tipo de “profissão”, já que sua aquisição interna é nula.

Esse tipo de sistema (Penitenciárias agrícolas), implantado pelos americanos com “o fim corretivo do sujeito e aprendizado de um ofício”, facilmente transforma os indivíduos e os faz “elevados a categoria de escravos civis”, além disso, há uma ofensiva moralizante que se veicula em meio aos operários para constituir (para estes) uma identidade separada da delinquência. Nessas instituições se recrutavam a delinquência, daí o nascimento da literatura policial e jornais com narrativas de crimes onde os pobres eram as principais vítimas e personagens, identificados como grupos perigosos, carregados de vícios, que na prisão acionavam/aprendiam todo tipo de mecanismos que os aperfeiçoavam no crime e quando saíam não podiam/sabiam fazer nada a não ser voltar a delinquência, resultando disso uma compreensão de que o sistema ao tempo que estigmatiza, profissionaliza.

É o que ocorre na maioria dos casos, o preso inicia seu período interno após o reconhecimento de 15 dias, na área conhecida como “favela”, convivendo com todos os outros detentos. Contudo, por motivos como dívidas ou brigas internas, rixas entre facções e expulsões é obrigado a subir evitando execução, já que está prestes a ser assassinado, nos termos internos ele é a “Bola da Vez”, ocasião a que o detento toma conhecimento a partir do jogo de ameaças que é feito pelos demais, o que serve para alertá-lo do risco que sua vida corre e, claro, causar no mesmo os sentimentos de medo e pânico, de forma que, na grande maioria dos casos, o indivíduo assassinado sabe da sua sentença, já que esta é debatida por cúpula e em seguida é informada aos demais detentos, em casos mais graves.

tem uns cara lá que quando tã na parte de baixo convivendo com os outros presos, ai os cara se viciam em alguma coisa geralmente é em pedra, né, se viciam em pedra ai começam a queimar demais, ai chega a dois três mil reais... então, não tem condições de arcar com as conseqüências, com as dívidas, ai o que é que ele faz? chega um belo dia que ele se nóia demais, vem aquele... vem aquela verdadeira síndrome do pânico, ele pensa que as pessoas lá tã querendo matá-lo porque ele tá devendo, ele (palmas) corre pro seguro, chega lá fica no seguro (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Na continuação de sua fala, “Raminho” informa que há casos freqüentes de que o detento nem chega a descer, já que durante os 15 dias em que passou em regime diferenciado os diretores avaliaram sua situação entre os demais e perceberam a inviabilidade de retirá-lo do sistema seguro. Resultando disso que a direção acaba por decidir sobre o destino de determinado detento na Instituição, em alguns casos, ainda nesse estudo prévio pode haver a indicação de alguma habilidade técnica que faz deste um detento funcional, já que a grande maioria dos trabalhos, principalmente braçal, nas Penitenciárias é executada por detentos.

Então esse compartimento (Sistema Seguro) é propriamente o que dar funcionalidade ao presídio, pois abriga todos os espaços funcionais, que descrevemos a seguir.

No sentido da extrema esquerda, o muro que dá acesso internamente à Penitenciária Máxima, utilizada principalmente no trânsito dos agentes e na condução de apenados transferidos da Penitenciária Agrícola e mesmo na troca de informações, já que o primeiro presídio, inaugurado recentemente, possui direção vinculada ao segundo.

Uma pequena área livre que serve como campo de futebol - atividade que paira no imaginário subversivo - e a cela da caixa d'água, sob comando de um detento que controla o banho de determinados detentos pela responsabilidade de abrir e fechar e controlar os horários, são estruturas situadas atrás do pavilhão individual 1 (do qual trataremos melhor quando da abordagem sobre os pavilhões, por sua homogeneização arquitetônica e funcional) que se destinam aos detentos que possuem uma melhor condição financeira e já estão perto do fim de suas penas em regime fechado.

À frente da enfermaria encontra-se o pavilhão dos albergados que curiosamente não possui celas pela sua utilização como escola primária - antiga marcenaria (e o desativamento pelo risco ou pela não funcionalidade)- durante o dia, a noite recebe os detentos do semi-aberto, todos os dias, e do aberto, nos finais de semana. Sendo a entrada programada sempre para as 18h30 e a saída para as 6h30, mediante assinaturas para averiguação do comparecimento quando das recontagens diárias. Há outras oportunidades que viabilizam a saída do detento da Penitenciária, ainda que menos constantes, que são as saídas em ocasião de morte de familiares e em datas festivas, sob controle da direção a que o assunto é submetido e avaliado. Acerca das datas festivas vejamos a referência feita por “Raminho”:

O dia mais badalado no presido é dia das mães, o cara vai, ... muitas vezes um dá 1R\$, outro dá 2R\$, outro dá 4R\$, dependendo da condição do cara, quando faz um dinheiro ali mandam comprar, papel de presente, é um liquidificador, um som pra fazer um sorteio, então o dia de visita é uma data boa cara, mas a melhor data pra ser comemorada é dia das mães, né é o dia que você tá revendo alguém que você tanto gosta, pode tá onde for né, a mãe, mais dia de visita assim, dia das mães ela chega lá. São João também é bom, natal né, mas quando passa-se o dia meu irmão, fica só na lembrança uma coisa boa, é uma lembrança boa do dia das mães. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Acerca da questão “Raminho” destaca outras datas festivas que fazem os detentos se movimentarem a fim de não deixar que passem sem comemoração. Havendo clara correspondência com as práticas culturais vividas pela sociedade, pensada enquanto globalidade socializada. Assim, fora ou dentro da Penitenciária comemoram-se datas como: natal, ano novo, páscoa, dia dos pais, dia das crianças. No entanto, dentro da Penitenciária há que se considerar o controle da administração que leva a que os detentos tenham que adaptar suas vontades ao

sistema. Nas comemorações se compra, se rifa e se sorteia presentes, pedindo-se, ainda, para que os diretores comprem objetos para serem distribuídos, em um clima de paz. Acontecimento que se dá sempre no pátio, mesmo que a entrada nos pavilhões seja permitida.

Os pavilhões consistem em grandes galpões que, no caso dos albergados, contêm uma estrutura onde funciona, em dias de visita, a escola primária no período da manhã e a antiga marcenaria, sob comando de um apenado que em troca cuida dos colchões dos detentos quando de suas ausências, evitando trocas ou utilização em outros sentidos. À frente deste, mas arquitetonicamente ligadas à este estão as celas individuais do seguro que são destinadas aos detentos que estão ameaçados que desempenham ou não função específica na Penitenciária. Estando aí por motivo de pagamento mensal a pessoas responsáveis pelo sistema ou por serem líderes de facções rivais, as do comando e por isso são ameaçadas de morte.

Sobre o comando de antigamente se centralizava no pavilhão 4, o que aconteceu morreram alguns, morreu alguns, existe essa guerra que até hoje morre alguns, pessoas que quando chegam lá os cara matam, são pessoas que foram banidas do sistema carcerário de Campina Grande, são banidas, são pessoas banidas, são pessoas que tão na capital ou em Guarabira mas que vivem lá no seguro, não podem ir pro Roger, não pode ir pro Monte Santo, pro Serrotão, porque não fizeram por onde, né, ter a simpatia, o apreço da galera, essas pessoas são condenadas a morte, pelo sistema, pelos próprios apenados. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Cercado por trás pelo pavilhão1 e pelo pavilhão dos albergados e na frente pela enfermaria, encontra-se as celas especiais, bastante comuns e necessárias nas Penitenciárias, são as celas de reconhecimentos que abrigam por um determinado período as pessoas presas recentemente, 15 dias no máximo. Período em que se “avalia” periculosidade, vícios, crimes e forma de adaptação do detento a nova realidade, corroborando com o que diz Foucault “bastam três dias para verificar se alguém já sabe como viver aqui dentro”(FOUCAULT, 2008:179).

É um primeiro contato deste com os futuros companheiros para saber de algumas inimizades, evitando um conflito logo de início. Essa é a chamada fase pré-paciente que age diretamente sobre o corpo e a mente dos apenados que se encontram no período do “reconhecimento”, em que a direção terá as referências principais sobre comportamento, personalidade, periculosidade. Processo que serve, principalmente, para perturbar o sistema emocional do interno, por meio de um clima constante de tensão e isolamento que pode durar entre 15 e 30 dias, para ser reconduzido às celas coletivas. Esse período expropria o detento de seus caracteres morais anteriores, para que incorpore o modelo vigente a que deve se adequar. Processo semelhante ao que se dá com todos os indivíduos que passam por sistemas de internamento, havendo a “passagem do status civil para o de internado” (GOOFMAN, 1996:?). É um primeiro contato, mas, é, também, o momento em que o indivíduo vai desenvolver a

formação de todo um conjunto de contatos (que serão seus contatos), visando uma melhor “estadia” na Instituição, aliado a fórmula do castigo e privilégios.

Porque sua presença passa a ser percebida pelos outros apenados, iniciando-se o jogo de ameaças, principalmente, dependendo do crime que cometeu e de sua relação com os demais detentos pelo nome. Pode ocasionar invasões e mortes, protesto para o não mantimento de um detento na Instituição.

eu participei, quer dizer que eu tava no meio dessa transferência, 10/11 comigo, eu e mais 10 fomos transferidos, isso em 2003, junho de 2003, dos 11 que tavam comigo até eu né tinha muitos inimigos aqui, fui transferido do Instituto Penal Sílvia Porto, que inclusive é uma cadeia de regime Máximo também, aí quando nós chegamos lá, isso na sexta, quando foi no sábado pela manhã, a nossa recepção foi que uma galera de assim... de mais de 100 presos armados, entraram no pavilhão da mini-máxima e mataram 6 dos nossos, por conta de inimizados. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Ou momentos de interação e amizade quando de um detento respeitado que reincidiu no crime, para em seguida voltar as suas celas coletiva ou individual, a segunda principalmente conseguida a custa de dinheiro "cela de cadeia é comprada nunca dada" (conforme afirmação da maioria dos entrevistados). Assim, em caso de primeira prisão dificilmente ele terá uma cela individual, passará primeiramente a um convívio coletivo.

Mas também, são celas que podem ser destinadas àqueles que cometeram infrações internas, basicamente homicídios, que pode acarretar conseqüências futuras em relação aos processos individuais, mas que na prática se constitui, basicamente, numa punição estabelecida pela direção do presídio e "comunicada" a justiça, ficando o detento em sistema diferenciado em relação a banho de sol (período e horários), longe do contato com os outros presos, tendo visitas e alimentação à parte. Isso ocorre em casos, principalmente, de matadores de policiais, líderes de rebeliões, sofrendo punições físicas e principalmente psicológicas - onde “bandido vira bicho”, (“momento de ira muita ira tinha saído do isolado”- Trecho de entrevista com Severino dos Ramos Lima,2007) -, além de possíveis acréscimos em suas penas. Em seu contexto físico são geralmente as piores celas, aquelas que, normalmente, são inabitadas pelos detentos em virtude de suas péssimas condições de iluminação, clima, circulação de ar, destinadas aos líderes e infratores justamente para servir de exemplo.

Com base no que diz Foucault temos que o isolamento é pensado para:

1 garantir a segurança pessoal dos loucos de suas famílias, 2 liberá-los das influências externas, 3 vencer suas resistências, 4 submetê-los a um regime, 5 impor-lhes novos hábitos intelectuais e morais, isolamento e castigo como forma interior de punição, copiada pelos modelos Inglês XVIII e XIX quando os crimes passam a ser julgados por sua gravidade, de acordo com regras e rituais específicos que atenuam ou agravam a situação mas, também,

produzem lembrança do interior punitivo e rituais próprios ao período de cárcere, tatuagens trazem vivas lembranças de sentimento e de revolta que marca o cotidiano do poder punitivo no “Teatro dos Castigos” (FOUCAULT, 2008:95)

Situação ativada pelo modelo imposto pelo regime e pela tortura, fazendo –se “ostentar suplícios”.

À frente do pavilhão individual 1 encontra-se a enfermaria que, embora existam nas Penitenciárias, não suportam situações de grandes proporções sendo necessário o encaminhamento para hospitais. Apesar de ser um lugar pouco freqüentado pelos detentos é aí onde estão os doentes, sobretudo, aqueles que têm tuberculose, causada pelo frio intenso e a umidade presente no interior dos pavilhões. Além da constante exposição a inalação de fumaça, por parte da maioria dos apenados que chegam a esses setores. “Na enfermaria tem de tudo, AIDS, tem um monte de caras aidéticos lá, tuberculose, o que mais tem lá é tuberculose, pessoas com tuberculose, furos de espetos, facas...” (.trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007). Em menor grau se dá a incidência de AIDS, adquirida, principalmente, por meio de relações sexuais, aliada a ineficiência na distribuição de preservativos aos apenados e às suas companheiras. O que pode fazer com que o vírus se espalhe de dentro para fora da Penitenciária; através da elaboração de tatuagens, feitas com agulhas afixadas a um gravador de pilha, cortando a epiderme e tendo os riscos preenchidos com tinta azul de caneta, usadas nas cartas "catatau", para em seguida terem suas ondulações niveladas por pancadas de sandálias - que podem ou não representar aspectos da vida, crime, articulações ou estigmas por parte do detento, simpatia ou sentimentos, sendo estas de difícil interpretação-; por meio de seringas contaminadas quando de sua (re)utilização para “picos” (compostos de medicamentos, por vezes, conseguidos nas enfermarias) nas veias.

É na enfermaria que vão parar aqueles que se encontram furados por espetos de fabricação artesanais, no geral bastante enferrujados, dificultando o tratamento. Havendo casos de detentos que se furam, sejam para saírem da cela ou da Penitenciária. Nas palavras de “Raminho”: “pra saírem de dentro do presídio se cortam, sair pro hospital a... não voltar pra dentro do presídio” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

No caso do Serrotão a enfermaria é composta por 6 celas, sob comando de apenados de confiança, que via de regra permanecem abertas, permitindo a saída dos detentos para a área segura. Contendo ainda um local de depósito de alimentos, destinado aos detentos impossibilitados de locomoção; uma outra sala para atendimento e distribuição de remédios, receitas e autorização para remoção ao hospital.

Ao lado direito da enfermaria encontra-se a chácara Penitenciária, onde se cultiva, principalmente, verduras que se destinam ao consumo nas cozinhas, já que são duas; criam-se patos e galinhas. Atividade desenvolvida por três indivíduos. A área cultivada em relação a não cultivada é insignificante, o que é de se estranhar em se tratando de uma Instituição Agrícola.

À frente dessa chácara e ao lado do pavilhão individual 1 encontra-se a Igreja evangélica, aberta diariamente e com reuniões às quartas-feiras e aos domingos para proporcionar a presença dos familiares dos detentos, sob liderança espiritual de pastores e coordenação cotidiana de detentos convertidos, já que a prisão e o medo tem por característica principal buscar a submissão corporal e mental do indivíduo. Sendo estes submetidos à constantes castigos físicos e psicológicos. Inovações que se fizeram, cada vez mais, freqüentes nas penitenciárias francesas do séc. XIX, para auxiliar as técnicas punitivas e fazer-se ideologicamente justificada, tecendo uma “Teologia Jurídica” (FOUCAULT, 1879:203).

Ao seu lado têm aparecido, em maiores proporções, celas que anteriormente eram destinadas à vigilância dos apenados, mas que por suas funcionalidades passaram a ser habitadas por detentos. Aqui nos referimos a cela de criação de galinha, localizada ao lado da Igreja evangélica; ao bloco de celas dos funcionários da oficina de panificação e da barbearia, variando o número de presos de uma para outra ou podendo ser individual; ao lado deste bloco há um outro semelhante que contém as celas do chefe de musculação - atividade bastante praticada das 16hs até às 17hs, no caso dos detentos do seguro, e durante o dia todo, no caso dos que habitam a favela -; há nessa região outra cela destinada ao responsável pelo setor de iluminação, tanto da Penitenciária Agrícola, como da Máxima, interligadas por uma única casa de força; e, por fim, outras celas que se destinam aos detentos do setor administrativo e da cozinha, bem como, as próprias cozinhas que servem como locais de pernoite.

Como culminância da espacialidade do Sistema Seguro temos a quadra de esportes que é de uso exclusivo dos detentos que habitam a região. Essa é pouco utilizada, visto que os apenados gastam seu dia em trabalhos específicos e a localização da quadra favorece o jogo de ameaças dos detentos da Favela em relação aos que habitam o seguro, por sua proximidade do portão que divide um setor do outro. Assim, a quadra é “inutilizada”, sendo mais constante as atividades físicas, a malhação, feita com pesos de cimento, sob coordenação do chefe de musculação.



CAPITULO 3

DIREÇÃO: CABEÇA QUE ARTICULA AS DECISÕES DAS PENITENCIÁRIAS AGRÍCOLA E MÁXIMA

A direção é a “cabeça” da Penitenciária, que é formada por internos e dirigentes, sendo os componentes das Instituições Penitenciárias e totais, que necessariamente têm de apresentarem-se de acordo com as exigências das Instituições, de acordo com uma “divisão moral do trabalho” (GOOFMAN, 1996:101), por meio de exigências específicas que se dirigem a ambas as partes. Seu cumprimento é recompensado com privilégios e o descumprimento acarreta em castigos, também padronizados. O temor é impresso por meios coercitivos, utilizados tanto pelos oficiais, como pelos apenados.

Pretende-se construir uma hierarquização, principalmente, na esfera dos funcionários, que são responsáveis pelas limitações das liberdades internas e pelo controle das visitas, no geral, e das visitas íntimas, além de realizarem as revistas dos objetos que entram nas Penitenciárias. Estes devem estar sempre atentos às fugas - juntamente com os guardas nas guaritas -, essas que são encaradas como próprias dos apenados, como diz Riccelli: “O juiz mesmo diz, o preso pode, tem direito de tentar fugir sete vezes por dia, porque é difícil, meu velho, é difícil”(trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

Cabe a equipe dirigente fazer com que o apenado venha a cumprir a condenação judicial e encontrar soluções que levem ao controle e passividade internas. Essa finda por alternar privilégios e castigos que objetivam a manutenção e conservação da própria Instituição.

A equipe dirigente inicia seu trabalho a partir de uma leitura que resvala em uma homogeneidade errônea, no que diz respeito aos apenados, bem como, aos agentes, em suas atividades e privações, despojando-se com o tempo de padrões antigos, relacionando-se e identificando-se com a “lavagem de cérebro” (GOOFMAN, 1996:104) que, em última instância, simboliza a aceitação da vida institucional por ambas as partes, ainda que não o seja de forma semelhante.

Apenados de confiança chegam à categoria de agente interno, de forma que esse trabalho é realizado num clima moral específico e sob constante perigo, sendo, por vezes, comparados a carrascos, Judas, daí que isso vai gerar situações de “incapacitação, retribuição, intimidação e reforma” (GOOFMAN, 1996:77).

O fato é que a Instituição Penitenciária beneficia alguns a despeito de muitos e, com base nas informações que coletamos no *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, é possível

depreender que há um constante jogo de poder que se estabelece no cotidiano carcerário, levando a que os apenados – especialmente as lideranças – considerem que quem segura/mantém o funcionamento dos presídios não são as suas direções, não. Essa compreensão se reflete claramente no âmbito interno e nas relações entre apenados e, em número muito superior, entre os agentes oficiais que, também, visualizam que a função da direção se estabelece primeiramente em controlar os processos de cada apenado, regulamentar a parte burocrática e as verbas destinadas a cada setor. Havendo uma distribuição de papéis que vêm a garantir o funcionamento do sistema, corroborando com a compreensão veiculada por “Raminho”:

Mostrar pra sociedade a visão de uma coisa que não existe né meu filho, que quem segura presídio não é diretor, sabe não é diretor, o que faz com que o presídio permaneça calmo as pessoas parem, não fiquem tão violentas, não é o diretor, não é o diretor do presídio quem segura. (trecho de entrevista com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

De fato existe uma "íntima" relação entre detentos e agentes de entregas (ex-detentos ou perto de cumprir a pena; diretores; subdiretores; advogados; policiais internos; familiares) e, principalmente, os detentos que se conhecem mutuamente. No caso específico dos diretores “Raminho” coloca:

Têm diretores que no início eles começam brabos querendo mostrar serviço, depois eles vão entendendo o que realmente é o sistema carcerário que é um presídio né, eles passam a ter mais intimidade com o preso, outros diretores passam a ter até uma certa amizade com alguns apenados e através desses apenados ele vai entender o que é o dia do preso. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Conhecem-se e relacionam-se por meio da identidade íntima de cada apenado e sua real periculosidade, a despeito das questões transcritas no processo. Processo que serve apenas para que o juiz o sentencie, revelando um fato que constantemente ocorre nas diversas Penitenciárias que é a atribuição de um cargo de diretor com base em aspectos políticos e afetivos, isso faz com que muitos diretores iniciem suas funções a partir de uma postura de desmandos e que, com a convivência em meio aos apenados antigos, venha a perceber outras identificações no interior da comunidade carcerária, em detrimento da padronização que imaginava existir no universo das prisões,

Vai passar a ver o preso como pessoa, não como um número, vai ver como uma pessoa não como um número. Hoje eu acho que a direção do Presídio do Serrotão é uma direção bacana, eu acho, eu..., mas, já passei por diretores ruins, onde o preso ele tinha que... qualquer coisa (cara) ele era cobrado, ele era transferido pra outros presídios. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Observa-se que há um acordo tácito entre ambas as partes, visto que o objetivo maior é fazer o sistema funcionar. Fazer com que isso ocorra é articular as relações no interior do

cárcere, evitando-se confrontos de interesses e a manutenção de uma convivência ordeira entre detentos e destes para com a direção (que representa o aparato repressivo). Nesse sentido, um lado e outro têm que ceder. A direção, na medida em que facilita a vida do detento, possibilitando-lhe, por exemplo, ganhos em alguma função que venha a desempenhar e o apenado, que evita comprometer a direção diante da sociedade, especialmente, na mídia. Claro que o funcionamento desse “jogo” de sobrevivência é também responsável pela fabricação de hierarquias no universo dos detentos, distinguindo os privilegiados dos não privilegiados, sendo os chefes de pavilhão os maiores favorecidos.

Entretanto, caso ocorram situações semelhantes as rebeliões reivindicativas ou por rixas internas, a direção tem mecanismos de acionar um aparato repressivo, estabelecendo-se o maior momento de tensão no interior do sistema e das relações entre um lado e outro, visto que nessas circunstâncias os acordos são deixados de lado, ao menos, de início. Acerca da questão nos informa “Raminho”:

Quando tá ocorrendo algum tipo de problema, primeiro os presos têm que se reunir entre eles, se reunir entre si e vamos debater aquele assunto, aí procura-se as pessoas mais esclarecidas daquele meio ali, os líderes para ir levar o problema até a direção, então quando a direção não resolve aquilo ali, então a insatisfação no meio dos apenados é muito grande, é uma insatisfação muito grande, então o que é que acontece, uns já começam a desenterrar as facas, outros já colocam camisas na cabeça, outros já vão cobrar uma bronca de outra coisa, entendeu? já vai cobrar uma ponta lá, então o presídio se torna um verdadeiro "Pandemônio", quando existe alguma coisa então a direção não vem até o portão ouvir o que o preso tem a dizer, quando você menos espera meu irmão desce é o choque. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Então, mesmo que esse(s) líder(es) “criminoso nato” (GOOFMAN, 1996:101) possa(m) proporcionar transtornos materiais no interior da Instituição as represálias a ele(s) destinada(s) (é)são violenta(s) e tem por principal alvo o corpo,

Os homens que lidam com o sistema carcerário, falo me referindo as autoridades, eles querem que alguém pague por aquilo ali, por aqueles danos materiais, eles querem dar uma satisfação a sociedade, querem encontrar um... "Cristo da vida". (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Além disso, há a pressão psicológica exercida pela chegada da tropa de choque e pelo início da invasão da Penitenciária, que se faz em clima de desespero e tensão. Há um clima de terror e de medo, principalmente por parte das pessoas mais conhecidas por terem matado policiais ou terem cometido delitos graves. A entrada da tropa de choque com os cassetetes batendo nos escudos, bomba, tiro, sirenes, escuridão cria um ambiente terrificante.

...ai já era né, já era. Mas o clima ele é como se você tivesse se preparando para uma guerra,... meio fúnebre... uma coisa meio fúnebre e meio é..., uma coisa meio louca, é

desordenada, porque de um lado você vê a policia com armamento altamente pesado, do outro lado quando olha você vê seus amigos com faca velha, com espeto, com toca na cabeça e com pedra, lutar contra homens, entendeu cara armados...

..., eu vejo isso ai como um meio de..., de reprimir uma coisa que o preso tem direito, o preso tem direito de reivindicar uma coisa que ele ache que por lei ele pode usufruir daquilo ali, o preso tem direito, mas a... Quando começa aquele negócio a direção quer uma coisa, os presos querem outra coisa, muitas vezes o diretor do presídio adentra atirando, um guarda adentra atirando e... quando a policia perde o controle... (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

As conseqüências são muitas e o pós-rebelião é sempre tenso, visto que, no geral, elas acarretam transferências que é uma das coisas que o detento mais teme, porque de fato não dá para relacionar as pessoas que serão encontradas. Sobre isso nos diz "Raminho":

Transferência é sempre um negócio perigoso, é sempre uma coisa nova, nova porque você não sabe quem é que você vai encontrar, muitas vezes encontra quem gosta e quem não gosta de você, você fica a mercê do tempo, é ruim, transferência é ruim, até mesmo porque toda experiência nova para o homem ela não é muito boa não. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

A transferência resulta na criação de uma situação em que, primeiramente, o sujeito se encontrará em sistema diferenciado, onde os detentos integrantes daquela Penitenciária, necessariamente, terão o conhecimento da pessoa que é recém-chegada. No sentido em que, a partir daqueles primeiros contatos e "bastidores", o preso pode ser dos mais bem-chegados ou "execrado", sendo isso definido já no momento de sua entrada. Geralmente estupradores e "casos midiáticos" colocam o indivíduo no lugar de execrado, mas, também, líderes de gangues, quadrilhas e facções que são tidos como cabeças de rebeliões.

(...) muitos perdem o juízo, por conta da pressão que ele tá sofrendo, outros se matam né, eu...eu, participei de uma rebelião que houve no Instituto Penal Sílvio Porto (João Pessoa-PB) em 2001, onde um companheiro da gente, por não agüentar pressão, entrou pra dentro de uma cela individual, individual mesmo no pavilhão 16, a última cela, matou-se, enforcado, por não agüentar a pressão. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

É uma questão que, em última instância, passa pelo aval e pela própria autonomia da direção e de suas relações com a direção da Penitenciária recebedora do detento, mas que, na maior parte dos casos, depende do juiz. "Que a justiça criminal puna em vez de se vingar" (FOUCAULT,1879:69).

Transferência é através do juiz da..., aqui em Campina Grande da sexta vara né, é uma coisa feita através do juiz, mas quando é uma coisa, um caso de extrema urgência quem faz é o diretor mesmo, um caso de extrema urgência ai o diretor já não faz mais o pedido ao juiz da... sexta vara, e depois que ele transfere que ele comunica, quando é um caso muito badalado, o cara tá correndo risco de vida, ou o cara fez alguma coisa grave demais. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007)

A direção, então, seleciona e encaminha os detentos para a capital (João Pessoa) ou para Guarabira e, em casos mais especiais, para o Aníbal Bruno em Pernambuco. Ainda em casos mais midiáticos pode ocorrer uma transferência pelo secretário de segurança do Estado, tendo ocorrido um caso exemplar desse tipo com o ex-secretário de justiça Dr. Vital do Rego (2005) em sua política dos irmãos encarcerados, transferindo detentos para Penitenciárias comandadas por facções rivais, de forma mútua, tendo gerado à época grande número de mortes no interior dessas Instituições. Isso fez com que grande parte dos familiares dos apenados denunciasses a real situação da "Política dos Irmãos Encarcerados" nas cadeias locais, causando grande terror entre os apenados, principalmente, os que tinham seus nomes nas listas de transferência.

Atitude que se respaldaria na justificação moral ao direito de punir, segundo códigos modernos, discutidos na França (1788) que, tanto legitima um novo sistema, como garante ao indivíduo o cumprimento de sua "pré racionalização" e o direito de punir, através do aparato judicial. Portanto, uma "cientificação" por discurso mediador, sacralizador, neutro e científico "medicalização geral do comportamento, dos discursos, dos desejos, etc." (FOUCAULT,1879:190).

Na prática "os processos são analisados de cima para baixo", o corpo jurídico recebe os processos e define prisões para "averiguações" (mandato de busca e apreensão), interrogando o acusado e discutindo entre os jurados e o juiz que "recebe a verdade sobre o indivíduo definindo a sentença", absolve ou condena, é sob essa perspectiva que se elabora o primeiro código de leis modernas na França, em 1650. Vinte anos mais tarde ajusta-se o código penal, dando aos crimes uma racionalidade ainda bastante medieval, isso porque se propõe, em última instância, a julgar a alma de cada indivíduo, julgando-o de forma semelhante ou buscando inspiração no juízo final. Isso se faz tão visível que para tanto basta que exemplifiquemos a partir da rememoração do início de um jure, onde todos os depoimentos são dados sob jura divina e humana, (perjúrio = crime). Além de ser uma condenação científica, atribuída por um poder "científico-judiciário", trata-se, também, de uma condenação divina, donde "toda a condenação de qualquer indivíduo sofre esse duplo impacto" (FOUCAULT, 1979:12). O sistema do próprio jure se faz, em parte, baseado no sistema inquisitorial de coação e de prática penitenciária cristã, que agora distingue o criminosos e os loucos a partir de "regimes de verdades" (FOUCAULT,1979:14), circularmente ligados a sistemas de poder, que o produzem e apóiam, e a efeitos que a ela induz e que a reproduz.

As reformas modernas visam a que as leis sejam transmitidas sob pretensões universais, com base em um código de "verdade" estabelecido pela justiça, fundamentado em códigos

escritos, que associa cada crime ao castigo, sendo a polícia responsável por assegurar o seu cumprimento e a condenação por meio de um ato “racional” da justiça humana e divina. Reforçada pela elaboração dos artigos que enfatizam a ligação do crime e da pena (observe-se que o criminoso fala o artigo e não o crime cometido). Assim os criminosos são, muitas vezes, objetos de várias versões e histórias.

Além do deslocamento do saber científico para o poder institucional, a Instituição Carcerária e as evidências materiais expõem a intrincada relação que se estabelece entre estado e poder. Saberes específicos como a medicina, psiquiatria, criminologia e o direito são utilizados pelos poderes locais para tornar sua atuação o mais tentacular possível. Exercício de poder que lhes dá sustentação e lhes é indispensável.

Então se faz necessário analisar o poder através dos seus aparatos repressivos para investigar o “como do poder” (FOUCAULT, 1979:179) e as regras do direito que delimitam formalmente o poder e o reproduzem em um triângulo “poder, direito e verdade”. Funcionando e sendo exercido em rede que constrói uma malha de ação sobre o indivíduo que se torna um efeito/resultado do exercício institucional desse poder/saber. O direito estabelece a legalização do exercício da violência posto em prática, institucionalmente, pelo estado, órgão que representa a repressão, donde vamos ter uma sociedade que se respalda na “violência legalizada” (cf. FOUCAULT, 1979: XI).

A “fabricação” da prova judiciária, também, é uma ocasião que a oficialidade tem de manipular a produção da verdade. Essa sempre apresentada como tendo sido apanhada, ainda que produzida, portanto: “verdade/acontecimento-ritual/prova, uma busca de dominar a verdade, busca da confissão sob uma seqüência interrogatório/confissão para o estabelecimento da verdade científica e a generalização do procedimento” (FOUCAULT, 1979:114).

Enfim, a concordância dos vários indivíduos que se impuseram aos saberes sob função de universalidade, tecnologia de busca da verdade em todas as partes e todos os tempos, técnicas de produção por formas de “poder e de saber” (FOUCAULT, 1979:117), que dão lugar ao conhecimento do sujeito-objeto. Tudo passa a ser percebido e definido negativamente “doenças, crime, loucura, o que faz com que se desenvolvam técnicas com função de poder-saber, criando condições para que a verdade do mal explodisse” (FOUCAULT, 1979:XIX). Em sua dupla função: um lugar de observação, experimentos e intervenção, sob ilusão, é que o crime passa a um processo de oposição, luta e dominação contra os sistemas internos oficiais e não-oficiais, encontrando suas garantias e justificações dentro de um saber científico “sobre-poder” (FOUCAULT, 1979:123). A oficialidade estabelece ritos que atuam como uma maneira pela qual a verdade pode ser fabricada e comprometida pelo poder (institucional), produtor de verdade,

num espaço preparado para que esta produção permaneça sempre adequada (jure), visando a impedir que a verdade se torne um contra poder.

O discurso da criminologia não tem necessidade de se justificar teoricamente ou de ter coerência, ele é utilitário, científico, necessário, tendo como álibi o fato de não visar mais a punição, no sentido de castigar o transgressor, mas de ter como objetivo maior a transformação (fabricação) de indivíduos recuperados para o convívio social, através da atribuição de uma pena jurídica.

A noção jurídica política, também controlada por um tipo de poder, "o recobrimento universal de uma sociedade por um tipo de sistema punitivo" (FOUCAULT, 1979:157), onde, através dela, pode se descobrir as relações que se articulam entre poder e saber e o processo em que o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos, em relações de poder que passam pelo domínio de saberes e criam formas de dominação.

Opõem-se em forma de guerra-repressão, sob relações de dominação e contra-dominação, em uma prática escondida por trás de um discurso científico ordenado e de ordenamento. Os mecanismos de que o direito lança mão para produzir verdades, servindo-lhe de instrumento de justificação e base, o corpo vivo e adequado, destacando sua legitimidade e obrigação de obediência, não a lei, mas "um conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que em sua forma prática vincula dominação às múltiplas posições que existem e funcionam no interior do corpo social" (FOUCAULT, 1979:181). Buscando captar o poder em suas extremidades, onde ele se torna capilar através das formas e instituições regionais e locais, que ultrapassando as regras do direito corporificam técnicas como a punição e que se materializa nas instituições e no seu exercício.

Suas intenções, se é que há, são investidas em práticas reais efetivas, relacionando-se direta ou indiretamente com seus objetos, implantando e produzindo efeitos reais, buscando formar através da multiplicidade uma vontade única, um sistema minucioso de coerções disciplinares, um jogo de heterogeneidades entre o direito público e o mecanismo polimorfo da disciplina. As disciplinas criam, inventam saberes por seus discursos, saberes que não são os do direito ou da lei, mas uma "normalização" (FOUCAULT, 1979:189) e sua jurisprudência passa a ser a clínica e a nova justiça baseada na opinião, onde o problema não é que as pessoas sejam punidas, mas mergulhadas num campo de visibilidade total em que a opinião, o olhar e o discurso do outro lhe impeça de fazer o mal.

Forja-se em um esquema que se torna símbolo das punições modernas, principalmente durante o Séc. XIX, que ajunta diversos indivíduos com tensionalidades e potencialidades

diferentes, formando uma organização peculiar, com seus próprios métodos, inclusive, de aumento ou redução das penas, aliada as teorias de “Castigo - prêmio” (FOUCAULT, 2008:57).

Para os detentos serem castigados ou não depende muito da direção em vigência no presídio, podendo ser aplicados castigos semelhantes e até piores em períodos entrecortados por diferentes formas de mitigações e “automortificação” (FOUCAULT, 2008:48) que vão desde espancamentos com cacetes, tortura em "Pau de Arara", queimaduras com pontas de cigarro, ameaças e interrogatórios sob torturas, choques e afogamentos ou sufocamento. Contudo, esses presos tendem a retornar a convivência com os outros detentos na parte mais geral, sendo por estes respeitados por suas tolerâncias às diferentes violações de seus corpos.

Considerando as implicações provocadas no cotidiano apenado por toda essa rede de sentidos que se estabelecem para além da dimensão visível, há que atentar para o aprendizado que os indivíduos encarcerados precisam adquirir para garantirem uma melhor forma de convivência interna e, mesmo, de ultrapassagem do complexo aparato ordenado institucionalmente. Situação que provoca diferenças entre os detentos novatos e os já “institucionalizados”, termo que carrega em si não apenas a compreensão do funcionamento do sistema, mas, as possibilidades que o detento já “descobriu”, podendo-se dizer que ele já sabe “jogar com”. Jogo que tem grande importância o domínio da arquitetura física/simbólica e dos componentes humanos da Instituição em que ele será jogado.

A parte administrativa, sob funcionalidade apenada, de agentes e pessoas contratadas se faz composta pelo setor pessoal, onde logo na entrada são coletados os dados do detento, bem como, retiradas suas medições e fotografias para arquivamentos e visualização em caso de fugas e mortes.

No setor de entrada do presídio, espaço de chegada do indivíduo (agora detento) à Instituição, são coletados os seus dados para averiguação, tanto de seu crime e periculosidade, como sobre sua reação perante os demais detentos e daqueles para com este. Daí a necessidade do isolamento. Ao lado desta encontra-se a sala do setor jurídico, onde são recebidos e repassados os processos, bem como, efetuado o contato do detento com seu advogado ou encaminhamento deste a um advogado de ofício, através da defensoria pública. Ao fundo do corredor localiza-se a recepção, à direita desta e à frente do setor jurídico, está a sala das secretárias dos diretores, que mantém um primeiro contato com as pessoas que vêm falar com estes. A sala dos diretores, institucionalmente, é a mais importante e, à época, estava sob comando dos tenentes Guilherme e Sebastião, sendo por ela que passam todas as decisões oficiais relacionadas, tanto a Penitenciária Agrícola, como a Máxima.

Do lado direito da sala da diretoria encontra-se o setor de sonoro, responsável por convocar os apenados até a direção ou transmitir informação para organizar a recepção das visitas e chamados para apresentação neste recinto, a outra sala do lado direito desta é responsável pelo acompanhamento psicológico e de vícios de alguns apenados do seguro é a sala de Psicologia, ao lado desta a cozinha com funcionamento exclusivo para diretores e funcionários, servindo, além das três refeições, café e chá aos funcionários e visitas (exceto às quartas-feiras e aos domingos).

À frente da direção e ao lado da quadra encontra-se a cozinha dos apenados servindo as três refeições básicas em horários diferentes da cozinha da direção, onde o café é servido a partir da 06h30 da manhã após a liberação dos detentos albergados, que podem ou não ficar para a refeição, constituída basicamente por pão, produzido na oficina de panificação, com manteiga e café, no almoço feijão, arroz, por vezes macarrão, verduras, cultivadas na chácara, caso tenha, e carne, vindas da COZIPE (Cozinha Penitenciária). É uma cozinha industrial que serve cerca de 1.200 refeições diárias, sob comando do chefe de cozinha, geralmente um detento mais antigo e que tem comando apenas em relação aos subalternos desse setor, auxiliando no preparo e distribuição da alimentação.

Neste mesmo compartimento se inserem as pessoas que integram o sistema seguro, desmistificando relações dessas com comandos entre apenados, muito pelo contrário as principais questões em torno da vida são tratadas por chefes de pavilhões, no interior destes e de suas celas e esses, em sua maioria, são condenados por tráfico e homicídios.

Essa história de dizer que a cozinha, pelo menos no, pelo menos aqui no estado da Paraíba, é o lugar que pelo menos é o coração da cadeia, não é, é o lugar de pessoas que subiram, por coisas erradas né cara, ou por dívidas ou por cabuetagem ou por falar demais, no meio da própria galera, fuxiqueiro, enchamista, tudo, foi banido então a cozinha é o lugar, onde 99%,9, são de pessoas não gratas, né meu filho. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007)

Daí a grande insatisfação com relação à alimentação "Rancho", o que desmistifica a idéia de que na cozinha das cadeias é o lugar em que se arquitetam as leis e as sentenças devidas por cada indivíduo, que é através da "barriga" que se coordenam as ações dos presídios e desencorajam-se outras, tornando mais nítida à idéia de que a cadeia, mesmo internamente, é comandada por quem trafica (drogas, armas e informação), de forma mais sistemática, e que possuem um maior poder de articulação tanto para se manter em tal situação, como para responder a qualquer atentado de inimigos ou da polícia.

Sobre as cozinhas, já que são duas: uma funciona para uso exclusivo da direção e dos funcionários administrativos, servindo as três refeições além de cafés e lanches, sob comando de

um apenado responsável, contando com vários auxiliares - todos detentos - em uma cozinha simples que não deve chegar a servir 20 refeições, mas que, também, atende ao público em geral.



CAPITULO 4

“FAVELA”: 7 PAVILHÕES, 21 CELAS E 1 ÚNICO CÓDIGO

Em frente à sala da direção funciona a cozinha dos apenados, tanto da “favela”, como de alguns do seguro e albergados (opcional apenas o café da manhã, já que o jantar é servido antes do retorno destes). Às 6h30 é servido pão, produzido na oficina de panificação, com manteiga e café. Após o café-da-manhã os detentos ficam soltos ou têm trabalho específico no seguro ou outras atividades na “favela”. Às 11h30 é servido o almoço (composto de feijão, arroz, por vezes macarrão e verduras, caso se tenha na chácara, e carnes, vindas da COZIPE - Cozinha Penitenciária). Por volta das 15h30 os detentos são recolhidos aos seus pavilhões e as 19h00 é servido o jantar para novo recolhimento aos pavilhões, daí a necessidade dos apenados em buscarem outras maneiras de alimentação para o intercurso entre uma e outra refeição. Questão que, no geral, é resolvida a partir do recurso à parentes ou através das compras internas que custam muito caro.

Ao ultrapassar o portão principal encontram-se grandes áreas vazias, destinadas ao banho de sol e a prática de futebol, dificilmente havendo outro esporte ou, mesmo, atividade o que faz com que muitos indivíduos após o café-da-manhã mantenham a mesma rotina, nas palavras de “Raminho”:

Abre os pavilhões 7hs da manhã, o cara vai jogar bola, o cara tira a cadeia dele todinha meu irmão (sabe) nesse lance de jogar bola, passa 10/15 anos meu irmão o cara inda sonhando em ser um craque o cara sai de lá com a mente do tamanho da mente de um rato. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007)

Além disso, o banho de sol é um momento de interações sociais entre os detentos, onde muitos vão jogar baralho, dominó, apostar corridas, escutar som, assistir televisão, principalmente desenhos e DVD, usar drogas, principalmente craque, maconha, cigarro, haxixe, bebida industrial. “*Sempre entra no sistema de todo o Brasil, pode entrar uma bebidinha*” (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007). No *hall* das bebidas há uma que é feita pelos detentos de forma artesanal a “carraspana”, elaborada com frutas ou restos de alimentos enterrados para fermentar e uma curiosa droga feita a partir de teias de aranha, enroladas a um cigarro pra ser tragado. Nesse setor é onde, também, se produz espetos “Naifes”, a partir de restos de construções que são retirados com pedaços de serras de canos e até lâminas de barbear, para em seguida serem amolados nas próprias calçadas dos pavilhões, já que há um trânsito livre entre os detentos do pátio e as celas.

Então esse setor do pátio e do banho de sol é estratégico para os detentos, mas, principalmente, para parte dos agentes e policiais que ficam nas guaritas observando os movimentos, a fim de impedir ações suspeitas e construção dos "tatus" (os túneis). Essa é a parte mais utilizada pelos detentos durante o dia, sendo recolhidos aos pavilhões apenas nos finais das tardes, para que passem as noites no interior dos pavilhões. Além de ser o local onde os detentos passam a maior parte do seu tempo é, geralmente, nos pátios, ou campos que acontecem as chamadas pós-visitas, a contagem dos detentos pelo corpo oficial.

É fundamentalmente nesse setor, quando do fim de uma rebelião ou fuga, em que todos os detentos são postos nus, sentados e com as mãos na nuca, para em seguida ser dado início a contagem. Momento em que as tensões se elevam, pois são chamados todos os nomes e os respectivos pavilhões a que pertencem. Ocasão em que quem matou policial, quem já é conhecido pela polícia "manjado", comandantes de rebelião, fugitivos (com fugas são frustradas), ficam todos à parte, algemados e sendo espancados, até que todos entrem em seus pavilhões, para as sessões continuarem no interior destes, onde os principais colaboradores para o motim, que facilmente são identificados pela investigação ou conhecimento do histórico ou índole de cada apenado, para que seja torturado na sua própria cela, o que acaba por torná-lo reconhecido, muitas vezes, pelo número desta (cela) e do pavilhão. Fazendo com que o indivíduo, também, retire desta (cela) seu "nome", "sua periculosidade", o que realmente define sua identidade como bandido, como nos foi informado "O comando é da favela", designação dada a área destinada aos principais presos do "Serrotão" "É o sistema de justiça criminal que faz os delinquentes, pelo mesmo processo de rotulá-los" (MORRIS,1978: 115).

Ainda os pátios têm um lugar importante por serem esconderijos para armas como facas industriais e/ou fabricadas artesanalmente; por servirem de lugar para se enterrar bebidas, drogas (geralmente em menores quantidades); e, principalmente, por permitirem que haja uma interação entre os detentos – o que também ocorre no interior das celas, local preferido para as reuniões de cúpula -, e que, juntamente com as celas, são as principais espacialidades de formação de uma identidade bandida. Identidade que se massifica no interior da cadeia, como no caso dos pequenos roubos ou furtos que formam a maioria da população carcerária ou indivíduos que se destinam a ampliar sua tentacularização no sentido do crime, por meio das relações internas e externas com outras forças criminosas e/ou oficiais que se subornam ou até comandam o tráfico, basicamente, de drogas e de influência, bem como, de armas brancas, haja vista que o controle das armas de fogo se faz mais restrito.

O pátio tem importância fundamental na vida do apenado porque é o local onde este permanece a maior parte do tempo, quando não estão presos aos seus pavilhões, onde podem

manter contato e se divertir, com jogos, corridas e bate-bola, por vezes apostado. Assim, contemplam o campo de futebol no imaginário e nas discussões diárias entre os apenados, recontagens quando de fugas e motins, bem como, os espaços por entre os pavilhões denominados pelos detentos de mini-ruas, via de regra, comandadas pelos mesmos comandantes dos pavilhões. Nessas espacialidades o comércio ilícito e o tráfico se fazem como um negócio corriqueiro, daí a maior propensão de, nesse trabalho, acreditarmos que o comando e as decisões no universo apenado se fazem por quem trafica drogas, armas, influência, assinalando/identificando este detento perante a massa que transita e compõe esse espaço.

Além do que já foi dito até aqui sobre o pátio, há uma circunstância que também lhe imprime visibilidade, o “dia de visita”. Este segue uma disciplina pré-estabelecida, devendo-se respeitar as regras impostas pelos detentos que exercem comando em meio aos demais, conforme já enfatizamos na introdução. Acerca do dia de visita nos fala “Raminho”:

para o preso o único que existe (os únicos dias que existem são) é a quarta e o domingo, dias de visitas tipo quarta e domingos o cara não pode falar certas coisas na presença da visita, ele não pode tá olhando demais, pra mulher de sicrano, mulher de fulano, o cara tem que baixar a cabeça, fingir que não tá vendo, coisa e tal desbaratinar, não pode brigar, discutir, - Durante o horário de visita o cara não pode tá fazendo isso, porque depois ele vai ser chamado a ordem, quando for feita a ordem ele vai ter que pagar por aquele vacilo grande que ele deu (trecho de entrevista com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Nesse dia são montadas tendas, onde ocorrem os encontros e contatos entre apenados, familiares e amigos ou servem para a comercialização de diversos produtos, principalmente alimentícios, sob concessão da direção. Os presos podem comercializar alguns lanches, sucos, refrigerantes, balas e doces para as crianças, artesanato (bolsas, bolas, carteiras), artigos produzidos no próprio interior da Penitenciária. Cada preso se reúne em grupo com seus familiares, para passar entre 2 a 4 horas juntos. Nessa ocasião se faz necessário⁶ que os visitantes os vejam em situações humilhantes, em uma exposição contaminadora, maltrapilha, abatida e surrada, quando estão no reconhecimento ou isolado, o que faz com que muitas vezes famílias deixem de comparecer a tais já que estes detentos são ou novatos ou castigados internamente tendo sistema diferenciado por algum período, casos que os impedem de ter contato direto com as visitas. É facultativa a saída de qualquer preso antes do término da visita.

Fato é que o “dia de visita” faz fervilhar o interior do pátio, são movimentações e expectativas variadas que aí se encontram ou defrontam, em última instância os dias de visita constituem dias ambíguos, são de real “glória” para detentos que não possuem dívidas, são respeitados e queridos por detentos e familiares, que se juntam para fazer refeições juntos, brincar, saber de notícias destes e de pessoas próximas. São momentos de alegria em meio a um

cotidiano tão tenso, mas que para outros refletem verdadeiros “Infernos”, cujas decisões apenas são tomadas quando do término das visitas e esvaziamento do pátio, já que a visita rege o momento e “define” o que pode e o que não pode ser feito em sua presença. Cometer atitudes contra apenados e seus familiares em dias de visitas se torna crime, na leitura apenada.

Então o “dia de visita” é um dia bom para as pessoas que “não possuem” dívidas, mas, para muitos, o fim da visita é o início de imensa pressão e neurose psíquica, agravadas a cada instante pelo fato de representar o momento de cumprimento dos “acordos das cadeias” e das “cobranças”. Sobre essa situação, em articulação com o poder exercido pelas lideranças, “Raminho” comenta:

Quando os líderes, o pessoal que tá à frente, ele não tem o pulso forte, ele tem alguma coisa encardida lá no passado, quem tem furo vai morrer rapaz, morre mesmo, eles matam, matam mesmo, num querem nem saber (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Então, para que todo o fim de visita não contemple o início de diversas mortes, para que os detentos tenham voz junto à direção, para regular a limpeza e as regras próprias das Penitenciárias, é necessário, como enfatizado por “Raminho”, um comando que se faça respeitado perante os demais apenados. O comando precisa estar com pessoas que tenham “nome” em meio à criminalidade e que exerça seu poder como derivação do medo dos demais e por suas potencialidades criminosas, fazendo valer as regras próprias ao interior institucional, quais sejam:

Não olhar ou interceptar visitas alheias (cobrar pedágio);
Venda livre de drogas, assim como qualquer tipo de comércio;
Não roubar nos pavilhões (“ratos de cadeia”);
Não caguetar ou descumprir as leis do estatuto (pena);
10hs, lei do silêncio;
Briga da rua se resolve na rua, no presídio tora o pescoço.
Morte pra tarado (estuprador);
Proibida a extorsão;
Solidariedade aos detentos respeitados;
Reunião no campo para comunicados coletivos (rebeliões);
Decisões internas nas celas do comando.
(Trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

E que pelo tempo, já que geralmente o comando é formado por presos antigos, mantém contato com apenados e agentes oficiais, além de possibilitar a geração de renda. Faz com que alguns detentos exerçam maior liderança sobre os demais no sentido financeiro, já que se articula com uma fonte de renda, via de regra, o “tráfico”. Torna-se credor de dinheiro e de produtos a juro e as pessoas que não pagam ou “devem” entram no *hall* das pessoas que fizeram alguma coisa que julgam ser incorreta, atribuição estabelecida pelos “líderes das cadeias”. Assim, elas

são “cobradas”, por não cumprimento de dívidas, por mortes de alguém protegido do comando, etc. Cobrança que se dá de forma violenta (morte em casos elevados, em se tratando de vingança). Geralmente quem tem melhor condição e/ou influência são os devedores que cumprem com suas dívidas logo após o término das visitas, então são pessoas que em instância prática agem de acordo com circunstâncias éticas e culturais próprias do cárcere, se fazendo reconhecido e alvo de identidades oficiais/marginais.

Contudo, embora as visitas ocorram semanalmente e em dois dias (quartas-feiras e domingos), podem ser suspensas em algumas ocasiões, de acordo com a vontade da direção. Certamente que a suspensão gera grande insatisfação entre os apenados, visto que ela se dá como forma de punição a um ou outro grupo de detentos, que podem vir a responder perante os outros apenados, já que muitos se prejudicaram por culpa de um indivíduo ou uma pequena parcela de detentos. Como em todas as questões a situação e os efeitos da suspensão da visita depende, também, da condição do apenado ou grupo que a gerou no interior daquela Instituição Carcerária. No geral, as ações que visam a punir os responsáveis pelas atitudes da direção que burlam a rotina e fazem o sistema funcionar como se seguisse outra lógica, já são de conhecimento dos apenados e, muitas vezes, de parte dos oficiais.

Ao que podemos observar *in loco* e nas falas dos entrevistados, a organização criminal se faz nos moldes de um negócio como outro qualquer, com taxas, proteções, sanções e punições por meio de um código criminoso, “a justiça do Submundo” (MORRIS, 1978:134). A partir do que, para alguns, a visita atua como “uma benção” e, para outros, como a “descida aos infernos” que vem a ser concluída com seu fim, que estabelece o início de suas mitigações. Os parentes se distanciam e o detento só conta consigo mesmo, fecham-se os portões e o chamado da lista dos endividados se inicia. A cada pagamento um alívio. A cada acordo descumprido, violência e espancamentos, renovação de acordos sob pagamento de juros, expulsão de pavilhões e mortes em alguns casos – aqueles que não têm renda ou não contam com a ajuda de parentes que os libere das dívidas adquiridas.

Portanto, ao afastarem-se do pátio e retornarem às espacialidades de rotina o que vigora é um outro código. Interior permissivo em que as regras são de conhecimento dos apenados e a que não adianta fingir descaso, visto que vão ser postas em xeque as atitudes dos detentos quanto ao respeito ou não das regras pré-estabelecidas, nesse sentido, os pavilhões internos são espaços em que a pressão psíquica pós-visitas se faz sentir diretamente.

No espaço interno é onde se estabelece, por exemplo, a sentença de morte.

No interior do pavilhão de maior força é que são efetuadas ou validadas as regras próprias ao interior carcerário. Essa é decretada e efetuada por decreto ou validade do comando, que se dá

no interior do pavilhão de maior força, sob essa questão comenta “Raminho”: “São diversos pavilhões e cada pavilhão tem uma pessoa que representa” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Assim, sobre essa questão temos que os apenados dividem-se nos pavilhões coletivos, sendo representados, geralmente, por dois detentos. Nos pavilhões individuais apenas um detento representa os demais. Os representantes de pavilhões fazem cumprir as leis próprias do cárcere desde o acordar até ao adormecer, para isso ganhando tanto benefícios oficiais, quanto não oficiais. Porém, para ser escolhido como representante de pavilhão é preciso ser reconhecido como liderança pelos demais. Quanto às pessoas condenadas por estas “cúpulas” “Raminho” coloca: “Pessoas são condenadas a morte, pelo sistema, pelos próprios apenados” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Tem decisões que partem do Pavilhão de maior força que, de acordo com as informações dos entrevistados, é aquele em que existe um indivíduo mais articulado no crime, externamente, e/ou no interior carcerário, fazendo com que este seja reconhecido como superior aos demais e venha a exercer comando. No dizer dos apenados ele é o "Dono", que corresponde na gíria carcerária a idéia de que ele é uma pessoa reconhecida por ter um maior nível financeiro ou de articulação em meio as identidades oficiais e marginais. Sendo, ainda, aquele que tem uma certa quantidade de produto a ser comercializada, que os demais não terão. Então ele se faz “Dono”, tanto no sentido de sua cela, geralmente os detentos antigos buscam celas individuais, quanto do pavilhão, podendo exercer esse poder disciplinar. Vindo a fazê-lo só ou acompanhado de outro detento, nas mini-ruas ou em parte do pátio que fica ao redor do seu pavilhão e dos produtos por ele comercializados, sob pagamento ou crédito até os dias de visitas, decidindo inclusive sobre vida e morte de detentos.

A sentença de morte é uma decisão avalizada e/ou efetuada pelos “Comandos”. A efetuação da sentença pode ocorrer de forma que cada detento perfura o apenado (sentenciado) uma única vez, dando a entender que o mesmo era mal visto perante a maioria dos apenados; ou através de "bode expiatório", colocando-se um apenado, geralmente de outra região ou cidade, ou que não recebe muitas visitas, para assumir os crimes da cúpula - forma de ação criminosa que os informantes disseram ser bastante comum no interior das cadeias. Essa segunda possibilidade poderia ser pensada enquanto dependente da aceitação do apenado “escolhido”, porém, este não tem escolha, repousando sobre ele a pena de morte em caso de recusa. Contudo, vale lembrar que nenhuma atitude deve ultrapassar questões prévias, mesmo no caso de morte, com ou sem "esculacho" (com mutilações corpóreas, tais como retirada de olhos e dentes para

serem postos em bebidas; de órgãos genitais, principalmente em casos de estupradores. Visando, principalmente, a demonstrar poder através do terror e medo disseminado entre os demais).

Trata-se, portanto, de pensar na existência de códigos e regras, "os estatutos", que regulam as ações no interior das Penitenciárias, juntamente com seus códigos éticos e morais que se fazem cumprir a partir de um aprendizado que se adquire no cotidiano do interior carcerário, um "saber local" gerado e gerador de um sistema cultural particular (GEERTZ, 2001). Modelos comportamentais que são "passados" culturalmente, via oralidade e gestualidade (de maneira geral, mas, sobretudo, nos presídios menores), bem como, de forma escrita, dependendo da organização dos "Comandos".

Esses "estatutos", por outro lado, têm a pretensão de evitar o nascimento de facções, que surgem a partir da impressão de comportamentos padronizados por um grupo, mas, que se distanciam do que os mesmos (estatutos anteriores) estabelecem; de manter o "sistema" sob legislação de um único código de conduta que implica uma sistematização na geração de renda, mantimento interno e dos familiares, em casos financiamento de delitos e, em instância maior, fortalecer/solidificar um bloco que enfrente desmandos de apenados, para que "eles não fiquem tão violentos", bem como, os excessos cometidos por agentes, diretores e pelo próprio sistema judiciário. Sendo, ao que podemos depreender, esse último o interesse que termina por permitir aos "Comandos" atuarem de forma a que as Penitenciárias tenham uma "Única Voz" internamente, embora, muitas vezes, existam várias facções no interior de uma única Instituição.

Com base nas informações concedidas por Aldo Riccelli, temos que as penas para o descumprimento desse "estatuto" se fazem sempre baseadas na violência e na força. A punição pode ser realizada a partir da utilização de pedaços de madeira para espancar o "detento-infrator" que, geralmente, tem seus olhos vendados com camisas ou lençóis, evitando a visualização de seus agressores, é o chamado "boi" das cadeias. Em suas palavras: "O cara leva 1 boi, leva 2, no terceiro os cara mata, num quer nem saber" (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

Essa pode até ser considerada uma pena leve, se comparada aos tratamentos destinados, por exemplo, aos estupradores e suas execuções e esculacho do corpo. Nesse caso segue-se o que se chama de "castigo", ou "boi", que consiste em o detento passar duas ou três horas com pedras na cabeça, sob olhar dos demais apenados, é basicamente uma correção. Na continuação ao assunto Aldo Riccelli coloca:

2, 3 horas todo fodido com pedra na cabeça, pra depois os corte se costurado no pavilhão, no pavilhão é que o corte é costurado, depois bota um detento direto na cola dele é o sombra, a chamada sombra, esse é o castigo e cadeia (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

Em seguida, os ferimentos do detento agredido são ponteados no próprio interior do pavilhão por detentos companheiros próximos, para se pôr à “sombra”, que significa dizer evitar que a direção tome conhecimento do ocorrido. Para tanto, um detento fica responsável por fazer a vigilância, evitando o contato do detento agredido com a direção, que consistiria em outro tipo de crime, de acordo com os códigos internos, a caguetagem.

Chama-se de “Favela” a área que comporta a maior parte dos apenados do Presídio Regional do “Serrotão”, setor esse isolado por uma extensa grade e pela cozinha dos apenados o que evita o contato destes com os detentos considerados mal vistos, é um setor que, pela maior distância e menor interferência das autoridades, funciona por meio de códigos e regras próprias estabelecidas internamente e avalizadas cotidianamente pelas pessoas de maior influência nesses espaços. Em seu interior se encontra o pátio que é a primeira estrutura por entre os pavilhões, se estendendo do primeiro o pavilhão 1 ou “especial” até o 7, mais importante na leitura apenada, contemplando inclusive o campo de futebol. São espaços que ao redor de cada pavilhão observa-se a extensão do poder dos “Chefes” de cada pavilhão até suas mini-ruas e esquinas, “retirando da rua” sua forma de sobrevivência, por onde passam a maior parte do dia e interagem com os demais detentos; jogam bola (importante no imaginário e nas conversas diárias) e se divertem; escondem facas e espetos; recebem visitas, armando tendas; mas, fundamentalmente são postos nus e de cócoras, para suas recontagens quando de rebelião e fuga.

Daí nossa persistência na idéia de formatação no interior carcerário, pois, delinqüentes de primeira viagem em contato com presos antigos, passam não apenas a conviver mais literalmente e sim a “espirar os ares criminosos”, buscando satisfações cada vez maiores dentro da própria convivência criminosa, dependendo de sua capacidade pessoal. Então, um nível de (re)socialização dos detentos, mesmo de crimes menores e não hediondos, passa a configurar-se em um problema pelo contato e adesão à mecanismos que, cada vez mais, o insere na criminalidade, reproduzida em âmbito externo às instituições. Então vejamos o que coloca “Raminho”:

por exemplo, o cara é preso aqui, fora tava roubando uma galinha pra um..., um kg de macaxeira, 1L de uísque, qualquer besteira que seja... for o cara tá lá põe um homem desses na cadeia, o cara não fumava conconha, maconha, o cara não usava drogas, lá dentro ele vai ter uma convivência diária com pessoas que realmente são do mundo do crime e a tendência do cara é o cara se corromper, entendeu? A tendência dele é se corromper, já não vai mais querer roubar uma galinha quando ele sair, ele vai querer roubar algo que lhe beneficie bem mais, porque ele foi aprender dentro do sistema, o sistema carcerário hoje cara, ele é uma fábrica de bandidos, de marginais, que a própria sociedade, ela não abre os olhos. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

É nesse sentido que o detento passa literalmente a aprender com detentos mais antigos as formas mais viáveis de sobrevivência no interior institucional, valendo salientar que esse tipo de aprendizagem formata na mentalidade do apenado outros níveis de práticas, impensados pelos mesmos em termos externos e que apesar das “satisfações” em momentos corriqueiros se fazem entrecortadas por mitigações corpóreas e “cobranças” em sentido direção-detento e em sentido detento-detento, em práticas sempre permeada de violência e exposição dos suplícios pela força e pelo medo, nos moldes de uma tensão constante, oculto sob um clima de aparente tranquilidade, cujo estopim, trazem conseqüências que marcam profundamente a vida de um apenado.

Principalmente no caso de uma rebelião os mecanismos utilizados para debelá-la são os cortes na alimentação, água, luz, tentativa de mantê-los acordados o máximo de tempo por meio de sirenes, sons, bombas e ameaças e atendimento ou não das reivindicações. Porém, em todas as rebeliões, ao fim, os líderes sabem de suas conseqüências.

Sabe o que é que você ganha com tudo isso? Transferência cara, como líder de rebelião, é transferido pra uma Penitenciária Máxima de Mangabeira, Instituto Penal Sílvio Porto, aonde vai lá penar durante 4/5 anos, por conta de uma coisa mais ou menos assim eu passei quatro anos, cara, agora, o último agora eu tirei quatro anos trancado, trancafiado, 30 minutos de banho de sol. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Pois, os representantes oficiais, também, têm conhecimento da situação individual da Penitenciária, bem como, se a rebelião é para reivindicação de melhorias ou por brigas internas. Portanto, em Instituições que têm comando setorizado, durante as rebeliões reivindicativas, “não há derramamento de sangue apenas as reivindicações” (Trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, 2007), no entanto, em casos de sistemas prisionais mais fragmentados as pessoas que “devem” ou tem crimes “condenáveis”, pelo código marginal, morrem.

mas quando tem uns líderes, alguém que tá coordenando aquela rebelião tem o pulso forte, tem moral e tem dignidade, é.. sangue não é derramado apenas as reivindicações o que vão fazer com que essas reivindicações, pelo menos até 5/6, no meio de 10, pelo menos 2/3/4 é atendida..., mas em relação a quem deve, se não tiver o pulso forte o cara morre mesmo, morre mesmo, eles matam, matam mesmo, num querem nem saber. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Eis que essas decisões são mantidas para a ciência de todos os presos, mas sendo avalizada e atribuída à alguns chefes de pavilhões.

Trata-se agora de compreender que nesse espaço (Instituição prisional) existe a arquitetura física que a ela são arquitetadas, cotidianamente, formas burlativas, tais como as

fugas por cima do(s) muro(s). Essas se dão por meio de cordas amarradas umas às outras, contendo em sua ponta um pedaço de ferro, serrado das grades, em forma de gancho (as “Teresa”), lançada por sobre o muro, abaixo dos arames e fios de alta tensão, em uma atividade bastante arriscada, sob o intuito de pular por sobre estes. Após serrarem as grades dos pavilhões, prática para que o apenado estudou por algum tempo o hábito do fiscal da guarita, de forma que serrando as grades e atingido o pátio, a tarefa é acertar a corda antes que alguém note, principalmente, os agentes do corpo da guarda da P.M. Feito isso cabe subir o mais rápido possível, antes da “Chuva de bala”, “Já vi gente morrendo de choque e uns ficam baleados, outros, outros chegam a perder a vida, outros perdem pernas, braços, outros levam um tiro na cabeça, ficam bom, mas nunca mais recuperam o juízo” (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Quanto aos pavilhões, esses são dois na parte segura o pavilhão individual e o pavilhão dos albergados. Na favela existem mais sete pavilhões, cada um contendo 21 celas, onde, de acordo com a disposição arquitetônica, são distribuídos em: pavilhão coletivo 1 ou pavilhão “especial”, o primeiro; e pavilhões coletivos 2 e 3. No primeiro caso, do pavilhão especial, destina-se a detentos que estão próximo de ser executados pelos demais ou que, pelo menos, sofrem diariamente com ameaças e mitigações para além de suas penas oficiais, neste setor encontram-se os detentos que estão no “Purgatório”. Nem podem subir, no sentido arquitetônico e cultural, para a área segura, próxima a direção, seja por falta de trabalho ou opção da mesma, muito menos descer, nos mesmos sentidos, ao convívio maior com a massa apenada. Suas celas comportam principalmente “Devedores”, pessoas que não são aceitas entre os demais apenados, estupradores, sendo em suas esquinas e mini-ruas onde se dão o espetáculo da morte de estupradores que, de acordo com o código interno vigente, morre. São os “Tarados”, assim comenta Aldo Riccelli: “Pra tarado não tem “boi” não, tarado na cadeia morre...” (Trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

Quanto aos estupradores executados com esculacho do corpo e de formação de espetáculo, já que reúne vários detentos, com o objetivo de expor a execução do acusado e provocar diversão/temor pela mitigação de seu corpo. Assim, são apedrejados, têm seus órgãos genitais decepados, sendo-lhes introduzidos materiais. Acontecimento que se faz possível apenas na cadeia porque tem sua permissão oficial e marginal. No sentido oficial, a direção que retém o apenado no reconhecimento permite e conduz o apenado para junto da massa no pavilhão especial, regido por regras próprias. Havendo, em pouco tempo a invasão deste pavilhão e a retirada do detento para as mini-ruas, sendo este exibido, bem como, seu ato homicida, deixando claro que na cadeia essas situações são intoleráveis. Trata-se de referências frequentes que os

detentos fazem, poderiam ter sido suas mulheres (esposas), principalmente, mães e parentes as vítimas daquela situação (estupro). O espetáculo culmina em meio aos gritos tanto do apenado assassinado aos poucos, como dos assassinos, eufóricos com a ação e com a identificação/afirmação da cultura carcerária.

A caguetagem, a formação de cúpulas inimigas e as dívidas continuam sendo uma das principais causas de mortes, punições, isolamentos em regimes especiais.

O pavilhão coletivo intermediário, localizado em espaço intermédio, visto que fica entre a massa dos apenados e o sistema seguro, sendo o primeiro pavilhão da favela, ainda próximo ao portão que divide a cozinha e o sistema seguro, sendo composto de celas para detentos que, constantemente, recebem ameaças de morte. São "chacoteados" quando de sua subida ao seguro, sendo sinônimo de caguetes, fracos, devedores, ladrões, "inchamistas". Foram banidos do convívio com a massa e, na medida em que assumem maior proximidade com a direção, no sentido espacial e cultural, mais distantes ficam da possibilidade de virem a ter relações com os outros detentos. Então, de especial, no caso do Serrotão, só tem o nome. Abriga os detentos que estão, na ótica subversiva, no purgatório, entre o céu (massa de presos homogênea) e o inferno(o seguro sujeito a represálias e invasões em rebeliões). Nesse pavilhão são decretadas as sentenças, principalmente, dos estupradores já que nem um agente subversivo quer se comprometer em abrigá-lo, muito menos, que sua execução venha a ocorrer em sua cela ou pavilhão, sob seu comando. Por isso a execução acaba por ser efetuada nas esquinas das mini-ruas. Então, esse é o pavilhão que tem o comando mais flexível, se é que este existe.

Os pavilhões das Penitenciárias podem ser divididos em coletivos e individuais, no caso do Presídio Regional Agrícola do Serrotão se tem um pavilhão individual na parte segura, um pavilhão dos albergados e celas distribuídas por toda a extensão do seguro; no caso da favela são três pavilhões coletivos e três individuais, sendo que cada pavilhão possui vinte e uma celas. Essas têm uma importância vital na vida do preso, não só porque é o local em que dorme, ficando determinado que a partir das 10hs entra em vigor a "lei do silêncio", cabendo penas de espancamentos, por meio de rodas e becos formados entre os apenados para a agressão do transgressor da regra, expulsão de celas, impedimentos de realização das refeições, sendo proibido o incômodo a um companheiro de cela.

3 pavilhões individuais, ou seja, você tem mais privacidade, você pode ficar mais a vontade com a visita, você tem uma tv, um som, e, tem a questão se você for um preso velho, você vem a muitos anos dentro da sua cela, o cara tá chegando hoje da rua por um motivo ou outro o cara tá vendendo a cela dele. Eu acredito que ele tá fazendo o certo, porque ele também comprou, ele vai querer tirar o dinheiro que foi empregado, na cela a... um preso novo que tá chegando recentemente, que tem uma condição financeira melhor do que ele, ele

tá precisando do dinheiro, ele vendeu ao cara, porque ele também comprou. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, "Raminho", 2007).

Ainda o interior do pavilhão é de grande importância, pelo fato de que aí se movimentam as mais diversas articulações para decretação de mortes, constituem-se em um conjunto de celas abertas durante o dia e a noite, impedindo a passagem dos detentos, apenas por entre os pavilhões. Estando livres a relação inter-celas, em um mesmo pavilhão, e sendo a mesma uma prática rotineira, desde que a permissão do(s) integrante(s) das celas seja concedida(s).

Esses pavilhões podem ser de dois tipos, os mais simples, para presos "mais comuns" que são as estruturas compostas por celas coletivas, onde todos os presos convivem juntos, separando seus espaços com varais de lençóis que servem para dividir as celas. É um local onde o preso perde sua privacidade, principalmente, no caso da visita íntima, sendo decidida por vez a utilização da cela para o ato sexual mais privativo. Há, nesses compartimentos, uma maior chance de que venham a ocorrer roubos, envolvimento com rixas e inimizades, inclusive com mortes, onde o autor do delito é transferido para o sistema isolado por um período de, no máximo, trinta dias e retorna ao mesmo pavilhão e cela de onde saiu. Podendo ainda ser transferido para o seguro ou para outros presídios, em caso de não comunicação da efetuação do ato "cobrança" ou de rivalidades entre gangues, é justamente por ser um compartimento que abrigam muitos presos que esse tipo de situação faz parte da cultura apenada "controle populacional", já que todas as vinte e uma celas dos três pavilhões coletivos funcionam de maneira semelhante, abrigando, na grande maioria das vezes, uma quantidade maior do que a sua capacidade e suas proximidade em termos espacial torna mais fácil a perda de controle pela tensão nervosa e pelas imposições e submissão de outros pelo uso da agressão e força física. "Era safadeza tirar cadeia naquele tempo o cara vivia debaixo de ordem". (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

De forma que, independente do comando da Penitenciária em geral, se faz necessário um representante (apenado) para cada pavilhão e esse tem que ter pulso, sendo normalmente um preso antigo, fazendo valer no interior destes as mesmas regras válidas para todas as cadeias desde o acordar ao adormecer.

Descendo em sentido arquitetônico e cultural ao maior convívio dos apenados, se tem os pavilhões coletivos 2 e 3, esses são pavilhões em que os detentos convivem em conjunto com os demais, são parentes, ou pessoas conhecidas e próximas, no sentido interno e externo a cadeia. Nesses funcionam questões de bairrismos, detentos protegem outros mais próximos e dividem os objetos lícitos, ou não, no interior das celas, também, coletivas, que são abertas durante todo o

tempo, e de pavilhões, que são abertos das 7h até as 15h30, sendo suas portas fechadas até o jantar, 18h e após esse novo recolhimento até o dia seguinte.

São pavilhões que têm maior propensão a roubos internos e ao desvio do estatuto específico dos detentos, em virtude da quantidade de integrantes que variam para cada pavilhão, tendo sua estabilidade mantida pelos laços de parentescos e/ou amizade entre esses integrantes e, fundamentalmente, pelo controle dos “Chefes” de disciplina que nesse setor, geralmente, são em número de dois, um para cada bloco, já que todos os pavilhões têm controle de detentos, em menor grau no pavilhão “especial”, em grau intermediário nos pavilhões coletivos e em maior grau nos pavilhões individuais.

Quando do dia de visita íntima, especialmente nos pavilhões coletivos, são separadas as celas por divisórias internas, elaboradas com lençóis ou colchões para que o apenado possa gozar de uma maior privacidade com sua visita, ou se decide o uso de tais celas por vez de cada apenado, fazendo com que os outros esperem sua vez para utilizar as celas coletivas com suas visitas no pátio. As divisórias são retiradas após as visitas.

Já o pavilhão 4, também de sistema coletivo, carrega a mística de ser de uso exclusivo de assaltantes de banco, tendo um funcionamento mais tranqüilo pela homogeneização dos seus integrantes, que passa a funcionar sob regras vigentes para pavilhões individuais. Ou seja, são celas adquiridas no interior desses pavilhões, geralmente compradas ou alugadas a detentos mais antigos, e que proporciona uma maior privacidade no que diz respeito ao cotidiano, já que os detentos têm a possibilidade de trancar suas celas, evitando invasões e roubos, mantendo seus objetos intactos.

Esses pavilhões individuais comportam, em sua maioria, detentos mais ligados ao mundo do crime e que retiram da própria Penitenciária, ou de ações burlativas, possibilidades de se manterem em termos materiais e simbólicos, já que tanto os pavilhões, quanto as celas trazem ao detento uma carga simbólica, que o faz reconhecido no interior carcerário. Em termos estimativos os habitantes do pavilhão “especial” se destacam e em termos de maior influência são os habitantes dos pavilhões com celas individuais, geralmente sob comando de 1 único detento, que retira deste compartimento, seu “nome”, fazendo-se reconhecido dos agentes oficiais e marginais.

Hierarquicamente (em sentido arquitetônico e cultural) a habitação nos pavilhões individuais 5 e 6 e principalmente 7 assumem maior importância por manter uma considerável distância da parte segura (sistema seguro) e da direção, localizando-se ao lado do campo de futebol, por onde fluem os mais diversos assuntos de interesse apenado e que tem na cela 10, uma composição simbólica, no sentido do imaginário apenado (camisa 10) e, no sentido prático,

pela proximidade do lugar em que são debatidos os assuntos de interesse da maioria, sendo, muitas vezes, daí que resultam rebeliões e reivindicações, sob liderança de chefes de pavilhões.

Assim, o pavilhão e a cela fazem parte do processo de homogeneização do apenado, onde este se torna conhecido inclusive por participações em pavilhões "especiais", no caso o seguro, o isolado e reconhecimentos, que poderão ser conhecidos em conjunto como alguns dos mais freqüentes atos punitivos das "Faxinas das cadeias", e como funciona a associação entre apenados que fazem ser cumpridas as regras culturais destas, "lavagem de cérebro" (GOOFMAN, 1996:104).

As portas dos pavilhões são fechadas às 15h30, impedindo o contato entre pavilhões, evitando o desencadear de disputas nas madrugadas, quando da diminuição do número de agentes oficiais, mas não entre celas de um mesmo pavilhão, o que acaba fazendo com que as celas da penitenciária simbolicamente se estruturam como casas próprias ou alugadas, coletivas ou individuais, o patio esteja para o imaginário como mini ruas, com suas esquinas e o prédio simbolize a cidade a qual o condenado habita. Portanto, ocorrem aglomerados por pavilhões, identificados por seus chefes e disseminação de saberes práticos que possibilitam a elaboração de todos os objetos necessários à manutenção cotidiana do apenado. Nesse sentido os principais métodos utilizados para a sobrevivência no interior das celas são levados a cabo por via tática, exercidos por entre as falhas dos mecanismos de vigilância oficial e/ou fora deste, em sentido que se alastra das celas ao pavilhão, menos vigiados diariamente e pelos pátios, tomando corpo prático em toda a favela, tendo as "substituições" como principal forma de reelaboração da matéria prima conseguida internamente e do desvio dos fins originais destes.

Método comumente usado, sobretudo pelos detentos que têm pena longa a cumprir, e que se torna mais seguro e prático, pois fragmenta a identificação pela cela dos autores são os "tatus", túneis de cadeia feitos no pátio ou no interior das celas. O método consiste em cavar o chão, colocando água nos buracos para malear a terra e aprofundar a construção. Na maioria das vezes quem começa um "tatu" encontra auxílio de outros que têm o mesmo objetivo. Porém, o desafio inicial é "achar a cela do tatu", visto que quem ceder à cela pode se livrar da cadeia mais cedo ou ser castigado violentamente, dependendo do sigilo entre os próprios apenados e da capacidade de agilidade dos "arquitetos", bem como, o financiamento pelo mantimento dos interessados com alimentação, droga, afinidades, "tem que ter alguém que comande de alimento, droga, financie" (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007). No entanto, qualquer revista pode gerar conseqüências para toda cadeia como, por exemplo, a suspensão das visitas, daí o perigo e a violenta repressão da caguetagem entre os apenados. Ainda pode ocorrer da perfuração de um túnel ser descoberta e o trabalho de fechamento do buraco ser mal executado, assim se direciona

outro túnel de outra parte (cela ou pátio) a encontrar-se com a parte que não foi completamente tapada, economizando alguns metros de trabalho até ser conseguida a fuga.

Eles tampam o buraco, mas não tampam o buraco, mas não tampam direito, então inicia outro em outra cela que chega até a parte oca, economiza, né uns 2/3 metros, chega ai faz um L, e vão se bora (sic), até conseguir ir embora (trecho de entrevista realizada com Aldo Riccelli, 2007).

Ao lado do campo e de suas místicas, cujas celas do pavilhão individual 7 de maior comando arquitetônico e cultural, tem visão privilegiada, encontra-se cercando todo o perímetro arquitetônico, um muro de segurança, contendo cercas farpadas e elétricas a evitar fugas, bem como, guaritas em pontos estratégicos para vigilância e controle de apenados em certos casos. Em seu sentido superior, tendo por referência o próprio campo ou os pavilhões, existem dois muros de segurança, o que serve como criadouros de ovelhas e pasto em favor da direção, sob funcionalidade apenada, o que ao passo em que impede fugas, quando da dificuldade de escalá-los, impede também a visibilidade de detentos no interior dos pastos e de possíveis buracos “Tatus” feito nos “pés” do muro.



CONCLUSÃO

As leituras que veiculamos no trabalho sobre o sistema prisional de Campina Grande, considerando as observações feitas no interior do Complexo Penitenciário do Serrotão e na Comunidade da Glória, bem como, as informações recolhidas através das entrevistas – com apenados, ex-apenados e diretores – visaram apontar para uma compreensão do cotidiano apenado, em nível particular (considerando que se tratou de perceber o funcionamento do Presídio Regional Agrícola do Serrotão), que se respaldou em estudos da questão em nível mais global. Procurando estabelecer um diálogo que nos permitisse articular aproximações e distanciamentos com aspectos presentes em outros sistemas penitenciários, a fim de se fazer compreender pontos específicos do caso em estudo.

Visualizamos que todo um conjunto de experiências é vivenciado no cotidiano apenado e que este ultrapassa as leituras simplistas que pretendem ver nesse ambiente uma funcionalidade, meramente disciplinada por regras oficiais. Todo tempo estivemos diante de táticas impressas pelos apenados nas brechas do sistema e, mesmo, o funcionamento de um verdadeiro contra-

sistema, ou “sistema” que se faz legitimar cotidianamente. Havendo que lembrar aqui o quanto as relações de poder permeiam as práticas cotidianas no interior da prisão.

Enquanto noção básica foi possível perceber que as Penitenciárias são comandadas por traficantes que, geralmente, ou em consequência dessa articulação respondem ou são condenados, também, por formação de quadrilha. Na maioria dos casos, esses estão envolvidos em assassinatos (autoria e co-autoria) e porte de armas ilegal, o que faz com que seja, também, um sujeito com uma alta pena a cumprir. Fato que se tornou patente é que bandido que se destaca, dentro ou fora das Penitenciárias, ou que é considerado de "Alta Periculosidade", apenas chega a tal situação devido aos crimes que cometeu e as prisões porque já passou, o que o torna conhecido dentro e fora das prisões. Assinalando-se em meio às identidades policiais e marginais, adquirindo nome oposto ao mal visto, sendo ainda, constante alvo das duas identidades em questão, aliadas as suas reincidências e acréscimo interno de suas penas, pelos mais diversos motivos.

São pessoas que certamente buscarão encontrar sua fonte de renda no próprio interior do presídio, sendo uma atividade cumprida mesmo no âmbito externo à Penitenciária (basta verificar os índices de retorno destes a tais Instituições).

Assim, o interior do presídio estabelece uma continuação ao tráfico, associado à violência constante e ameaças, agiotagem, extorsão e pedágios (dinheiro dado por uma pessoa, cada vez que encontra com outra de maior força, podendo também acontecer no caso de pequenas gangues em cadeias menores), sob um custo máximo de intensidade e extensão da pena, que busca atingir desde a macro-estrutura corpórea até a microestrutura cerebral, que acaba por formatar um indivíduo, sempre no sentido de buscar a compra de uma cela individual, alguns objetos e apenas "puxar ferro", com os mais diversos pesos e barras improvisadas, no pátio ou celas, esperando o cumprimento da sentença ou buscando uma fuga.

Por meio de rica teia de articulação dentro das Penitenciárias, baseada na violência e nas propinas, assim como, na pouca eficiência de combate a determinadas práticas - fato bastante discutido desde os primeiros anos em que foram instituídas as prisões -, um funcionamento que no fim reduz a vida à morte, por meio das relações de poder cotidianas, sob uma forma não generalizável, mas local, micro-poderes regionais e concretos, que são as Instituições, atuam enquanto corpo da técnica de dominação que atinge a realidade do corpo do indivíduo, conservam uma relativa autonomia do centro, ultrapassando-o e o completando.

Ocorre dentro do cárcere, assim como na maioria das Instituições Totais, processos de substituições, onde os internos utilizam alguns artefatos para fins que a estes não se destinavam, sendo utilizados para sua sobrevivência e atração pelo desejo e prazer do subversivo. Além da

exploração por meio de atividades oficiais produzidas para fins particulares (contabilidade, um sonho de liberdade), de forma que todas as atividades lícitas, ou não, dentro das Penitenciárias são de conhecimento das direções, que as permite para a manutenção da ordem, sendo a economia da troca um dos principais mecanismos dos apenados.

A utopia do encarceramento perfeito diante das prisões arruinadas, fervilhantes e povoadas de suplícios gravados em suas estruturas estratégicas e táticas assim, “o panóptico aparece como jaula cruel e sábia” (FOUCAULT, 1979:170), aliada a idéia do prazer contra as normas, de forma que o poder passa a ser atacado em suas próprias brechas (arte), onde a repressão gera, ao mesmo tempo, a intensificação dos desejos, fazendo com que surjam movimentos indefinidos dentro do jogo da loucura e da prisão, na lógica de uma sociedade disciplinar que institui um parêntese punitivo de seleção, a coerência lógica no jogo de estratégias, ao mesmo tempo técnicas de poder no interior do panóptico são surpreendentes o olhar e a interiorização, o custo do poder, os riscos de revoltas, de desenvolvimento, de desobediências nas brechas do poder. O poder oneroso que perde seu real valor multiplicando violências, revoltas e táticas inventadas e organizadas a partir de condições locais e de urgências particulares, solidificadas dentro das estratégias dos diferentes mecanismos de poder que se alinham em um objetivo, mas que se agarram as suas especificidades.

Assim, a noção de lucro se faz preciosa, circuitos de lucros, os quais por sua vez reforçam e modificam os dispositivos de poder por transformações sucessivas, pois as pessoas estão situadas fora do circuito produtivo (outro tipo de lucro), no sentido em que avalia mal o grau de opacidade e resistência do material a corrigir e reintegrar “ao mesmo tempo o panóptico não é um pouco a ilusão do poder?” (FOUCAULT, 1979:224). Pensadores acreditam que as pessoas se tornariam virtuosas pelo fato de serem olhadas e, mesmo, por uma ritualização espontânea entre apenado e Instituição. Não percebem os componentes materiais e econômicos da opinião, acreditam na opinião justa por natureza que se difundiria: a vigilância democrática. Desconhecem os mecanismos de escape ao poder. Desconsideram o fato de que os detentos nunca foram pessoas passivas, o jornalismo já manifestara seu caráter utópico. Acerca da questão coloca Foucault:

O material detento resiste incrivelmente ao taylorismo de Bentham, de função e lucro que nunca funcionou pela resistência das pessoas à instauração de micro poderes, semelhante às fabricas, resistindo ao panóptico em termos de tática e de estratégia, vendo que cada ofensiva apóia uma contra ofensiva, são as peripécias de uma guerra (FOUCAULT, 1979:226).

A relação de forças na ordem da política é de guerra. O sistema da luta se torna operatório, sendo necessário relacionar a cada caso quem está em luta, quais instrumentos e

segundo que racionalidade age, assim a lógica se torna insuficiente para analisar a formação da identidade apenada, "a prisão se constituiu sob a forma de vigilância, secretou seu próprio alimento, isto é a delinquência (FOUCAULT, 1979:131). Desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos, o que desmistifica a idéia de prisão depósito, ao passo que concebe a prisão como "instrumento de aperfeiçoamento" longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade, aperfeiçoando delinquentes úteis tanto no domínio econômico, como político.

O período de estadia de um interno em um cárcere se faz a partir de um cotidiano semelhante a toda coletividade apenada, que dentro deste próprio sistema elabora uma rede de subgrupos, distante dos elos sociais, passando por um processo de mortificação, oficialmente racionalizada pela deformação da antiga identidade individual e construção de uma identidade nova, ligada estritamente ao coletivo, enfatizada pelas penas e castigos, identificando o indivíduo pelo coletivo: "detento". Não os distinguindo dos demais na mesma situação, através de um regulamento que obriga o indivíduo a adotar posturas de "indignidades" (MORRIS, 1978:30), mortificando seu eu em favor do coletivo, por formas coercitivas que acabam por apoiar a construção de gestos e laços de solidariedade entre grupos ou, de uma forma mais geral, na Instituição. Verificado-se, constantemente, nas rebeliões e em alguns códigos contra incesto, estupro ou contra mãe, sentimentos de solidariedade, liberdade e justiça (irmãos), havendo grandes indícios desses laços solidários, que faz com que a quebra dos mesmos seja motivo de hostilidades na "Psicose das Prisões" (MORRIS, 1978: 59).

A partir de sistema tático de padronização pela "colonização" (MORRIS, 1978: 60), são comparadas as discrepâncias entre o mundo externo e o interno, de forma que o indivíduo aceita a Instituição como lar para tornar mais suportáveis os dias de cárcere, é uma espécie de conversão a partir de que o indivíduo aceita as regras gerais da Instituição e suas táticas mais disciplinares, moralistas (menos no caso do cárcere) e monocromáticas. Isso faz com que este perca as suas identificações sociais e passe a adquirir uma nova identidade institucional e que acaba por se reproduzir no âmbito externo a essa, constituindo um esquema específico de adaptação "Psicodinâmica" (MORRIS, 1978: 63).

São pessoas que passam a se dedicar a uma identidade própria a dos "habitantes da favela", sob a forma de estabelecimento e prática de regras próprias, associadas aos meios burlativos, próprios desses espaços. Em poucas palavras, o mundo do internado: cigarro, ócio, dinheiro, empréstimos e juros; fantasia de libertação, castigos e privilégios; atividades proibidas, brigas, bebedeira, drogas, jogo (futebol, corrida, baralho, malhação e apostas), insubordinação, sexualidade, albergue, práticas proibidas/permitidas, cagete, TV, rádio (infantilização),

atividades artesanais, fé, refeição, seguro e isolado; pavilhão cela e pátio, a saber, quem habita prisões: homicidas, ladrões e latrocidias; rato de cela, “Varredor”, situações a que estão submetidos cotidianamente: fuga do assédio, pedir seguro, tecido branco, condição das celas, punição (bois) e mortes; alianças e inimizades.

Concluímos, portanto, que o presente trabalho articulando a presente proposta de não apenas descrever as partes que compõem o Complexo Penitenciário do Serrotão, nem apenas expor suas atividades diárias, mais se aproveitar da posição de visitante/pesquisador e do contato com alguns apenados para demonstrar, através de um método etnográfico, uma relação íntima entre História e Antropologia, demonstrando, em última instância, as relações de poder que permeiam cada compartimento descrito em suas formas isoladas e articuladas. Fazendo emergir saberes tanto estratégicos, como táticos e suas correlações, ainda trazendo ao discurso historiográfico as identidades próprias do interior institucional das prisões, ratificadas pela oralidade, via testemunhos dos detentos.

Em continuidade a este estudo, considerando que muito do material que coletamos não pode ser contemplado, pela exigüidade de tempo, por se tratar de fontes que exigiam outras instrumentalizações teórico-metodológicas, pretendemos desenvolver uma análise sobre “as formas de fazer”, em procuraremos aprofundar nossa compreensão sobre como cada uma dessas identidades oficial, oficializada e não oficial articula diariamente suas formas de manutenção no interior da citada casa de custódia, bem como, regulam saberes e fazeres, no interior de cada compartimento arquitetônico aqui descrito.

Por último, a pesquisa nos mostrou que há no interior da Penitenciária uma identidade forjada para cada indivíduo e a coletividade em si, é uma "cidade", com suas regras e códigos próprios de forma que tal identificação interioriza-se, levando o indivíduo a assumir um único caráter.

E com o passar dos anos o cara vai perdendo o vínculo com a família e com os amigos e ele acaba adquirindo uma personalidade que ele nunca sonhou ter, ele nunca sonhou ser aquilo, o cara pode até desenvolver os instintos mais baixos que um ser humano pode ter. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

Isso nos remete a clara idéia de que o debate sobre as Instituições Penitenciárias perde seu foco principal que é a forma punitiva de (re)socialização para haver uma cultura mais simplista e reprodutora, que "Guarda" o indivíduo por um determinado tempo, para que, se este sobreviver, volte a rua com a personalidade encarcerada porque,

Com 2/3 anos se passando o cara tá um bruto, entendeu? O papo do cara só é furar, só é essas coisas, coisas ruins, porque o próprio sistema carcerário, o indivíduo..., não regenera ninguém não, ele não regenera ninguém não, cara pelo contrário, ele marginaliza,

marginaliza. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

“*A prisão fabrica delinqüentes e Espalha Delinqüentes*”(FOUCAULT, 2008: 235), importando muito a análise final sobre este referendo pelo fator de que todos os investimentos em torno do aparato punitivo financiam a manutenção de uma comunidade marginal e que, por mais que os diversos mecanismos busquem afastá-las espacialmente, sua presença é inegável, assumindo números cada vez maiores e o pior um nível de coesão que faz com que blocos de bandidos, já se articulem no alistamento e arrecadação nos próprios interiores das Penitenciárias para financiarem ações delituosas, no sentido de que cada vez aumenta a reclusão e a socialização de bandidos formatados pelas Instituições Penitenciárias, na medida em que os mesmo são postos em liberdade,

Quanto mais preso mais dinheiro tá vindo de lá, então qual é a lógica deles é manter mais pessoas presas que vem mais dinheiro de lá, a gente racha mais, então eu acredito que a coisa tá mais ou menos assim, preso ele é solto na torneirinha. (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho”, 2007).

No sentido que, não basta a revisão apenas de tal sistema, mas, como e por quem tal processo é encaminhado, aspando quanto a isso a incompetência e tradicionalismo burocrático do sistema judiciário e o excesso claro de poderes delegados a pessoas, muitas vezes, não capacitadas, principalmente, no corpo policial, os destituindo das funções de promotoria pública e que os leva a agir de acordo com a “lei dos pobres” (MORRIS, 1978: 28).

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**, 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000 (vol.1).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**, 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002 (vol. 2).
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: Difel, 1990.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janáina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**, 5ª ed., São Paulo: FGV, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão** (um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault), Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 23ª ed., Rio de Janeiro: Graal editora, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**, 33ª. ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (1979)
- GEERTZ, Cliford. **O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa**, Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOOFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**, São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**, 11ª ed., Editora DP&A, 2006.
- MORRIS, Terence. **Desvio e Controle- A heresia secular: A ordem social e como ela é imposta**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1978.
- OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**, São Paulo: Ática, 1995.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FONTES

1. Entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho” em agosto de 2007.
2. Entrevista realizada com Aldo Riccelli em agosto de 2007.
3. Entrevista realizada com o diretor do presídio em agosto de 2007.
4. Fotografias cedidas pela direção do Presídio.
5. Fotografias feitas *in loco*.
6. Registro cartorial da edificação do Presídio.
7. Anotações realizadas a partir das observações que fizemos nas visitas periódicas ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, iniciadas em junho de 2005 e encerradas em maio de 2008. Neste período, além de dialogarmos com os apenados de maneira geral, dialogamos com os detentos das celas do “isolado” e da “favela”.